

LÁZARA ALZIRA DE FREITAS



**O Concílio Vaticano II sob o Olhar do Cerrado: o
aggiornamento no episcopado de Dom
Fernando Gomes dos Santos**

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade Católica de Goiás
Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais

**O CONCÍLIO VATICANO II SOB O OLHAR DO CERRADO: o aggiornamento no episcopado de D.
Fernando Gomes dos Santos**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da UCG, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA, sob Orientação do Prof. Dr. Eduardo G. de Quadros

UCG - GOIÂNIA

2008

**O CONCÍLIO VATICANO II SOB O OLHAR DO CERRADO: o aggiornamento no episcopado de D.
Fernando Gomes dos Santos**

**Dissertação defendida no Programa de Pós graduação em História
da Universidade Católica de Goiás para a obtenção do grau de Mestre em História,
no dia 02/02/2009.**

Banca Examinadora:

***Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
Universidade Católica de Goiás – UCG
Orientador***

.....

***Prof. Dr. Itelvies José de Moraes
Universidade Estadual de Goiás – UEG
Titular***

.....

***Prof. Dr. Eduardo José Reinato
Universidade Católica de Goiás – UCG
Titular***

.....

***Profa. Dr^a. Heloisa Selma Capel
Universidade Católica de Goiás -UCG
Suplente***

.....

Aos meus filhos, Alejandro e Francis Muller.

“ Afeiçoai-vos às coisas do alto.”

(Cl. 3,12)

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof^o Dr. Eduardo G. de Quadros, pela paciência e dedicação demonstrada, durante todo o período de investigação desta pesquisa, acreditando e me fazendo acreditar que eu posso ir além dos meus sonhos, concretizando-os, e ensinando que basta ter compromisso e disciplina.

Ao Prof. Dr. Itelvides José de Moraes, por se disponibilizar, aceitando o convite de participar desta banca, e fazer a leitura desta dissertação. Ao Dr. Valmor Silva e Dr. Eduardo José Reinato, pela leitura e importantes apontamentos no projeto de qualificação.

Ao Pe. Alaor Rodrigues de Aguiar, pela dedicação e colaboração, me emprestando vários livros e revistas para enriquecer este trabalho, dedicando parte de seu tempo para me receber e conversar sobre certa hermenêutica conciliar.

Ao corpo docente do HGSR da Universidade Católica de Goiás, do Programa de Graduação de História, em especial a Prof^a Elizabete Bicalho, a Prof^a Madalena e o Prof^o Luis Carlos, que acreditando em mim, me inseriram como parte de seu quadro. Aos professores do Programa de Mestrado em História desta Universidade, que muito me fizeram crescer, confiantes em nossa transformação. Em especial a Prof^a Dr^a Maria do Espírito Santo, a Prof^a Dr^a Heloisa Capel, a Prof^a Dr^a Heliane Prudente, a Prof^a Dr^a Maurides B. de Macedo Filha e, claro, a Prof^a Dr^a Terezinha Marra, com toda sua sensibilidade.

Agradeço também aos padres representantes da Catedral Metropolitana em especial ao Pe. Luis Lobo e monsenhor Nelson Fleury, a toda equipe de apoio daquela arquidiocese, assim como aos funcionários do SPAR, que me atenderam muito bem. Em especial, o Sr. Antonio, da recepção.

De forma especial, quero agradecer a toda equipe do IPEHBC na pessoa do Prof. Antonio Cesar Caldas, Fabiane, Euzébio, Janira e Jô, que de forma carinhosa me receberam por longo período, orientando na busca de documentos que viessem a contribuir para esta pesquisa.

Aos meus amigos do mestrado que, antes, eram apenas colegas, mas, hoje, fazem parte de um grupo muito especial: Maria das Graças Prudente, Fernando e Antonio Luis.

À minha família, em especial minha mãe Antonia Coelho, e meus filhos Alejandro e Francis.

Agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para que esta dissertação fosse concluída, contribuindo em minha formação acadêmica, para a obtenção do grau de Mestre. Muito obrigada!

SUMÁRIO

I Capítulo

<i>Comunidades participando da Construção: O Concílio Vaticano II</i>	p.12
<i>1.1- Expectativas Conciliares: “Sonha-se..e em sonho passa se a vida”</i>	p.13
<i>1.2- Um novo tipo de Igreja: “Talvez fosse empenho por vida feliz”</i>	p.16
<i>1.3- O Concílio Vaticano II: “Da Aplicação à Recepção”</i>	p.19
<i>1.4- A Constituição Dogmática Lumen Gentium: “A Igreja como Luz para os povos</i>	p.22
<i>1.5- A Constituição Sacrosantum Concilium: “É teu povo, lá fora...”</i>	p.26
<i>1.6- O Comunismo de Fidel se infiltra nas Igrejas: “o veneno e o mel”</i>	p.29
<i>1.7- Considerações Finais: “Fé é dom de Deus”</i>	p.31

II Capítulo

<i>Tudo foi tão rápido: “Na fé está a sua vocação”</i>	p.32
<i>2.1- Pai e Pastor de nossa Igreja: A via sacra de Fernando</i>	p.32
<i>2.2- As Igrejas do Cone Sul: “Um sonho, talvez, que me trouxe alegria...”</i>	p.37
<i>2.3- A Ação Católica: “...Sem nada que impeça a liberdade na glória”</i>	p.39
<i>2.4- A Arquidiocese de Goiânia: “me alimenta a esperança...”</i>	p.42
<i>2.5- Os Seminários diocesanos: “a liberdade na glória dos filhos de Deus</i>	p.43
<i>2.6- Na Capital Federal: “Na tua solidão, sentes também...”</i>	p.45
<i>2.7- A Educação: “a esperança, jamais enganará...”</i>	p.48
<i>2.8- A reforma Agrária: “...É que ela esta vindo sem se anunciar”</i>	p.50
<i>2.9- Teologia da Libertação: “Desnudo, liberto, tomei consciência de ser alguém...”</i>	p.53
<i>2.10- Considerações Finais: “não sei como foi”</i>	p.59

III Capítulo

<i>Tomei consciência: “não é fácil ser torre”</i>	p.61
3.1- Só Isso! “A Imagem do poder...que não pode...”	p.61
3.2- O Contexto à época do Concílio em Goiânia: “talvez seja pretexto”	p.67
3.3- A liturgia: “Deus se dá a todos nós”	p.72
3.4- A segurança: “Ouve, Senhor, por ele, a minha prece”	p.76
3.5- O aggiornamento no episcopado de Dom Fernando: “como tocha iluminando”	p.83
3.6- Considerações Finais: “...a doutrina consiste em dar testemunho!”	p.86
Conclusão:	p.87
Fontes e Bibliografia	p.89

Introdução

Esta pesquisa é sobre a religião católica em Goiás através da figura do Arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos (*1910 +1985), sujeito histórico que entrou em consonância com o Concílio Vaticano II. Identificou-se com a história do catolicismo na época, expressando-a com poemas. Analisar este contexto foi um exercício de conhecimento e sensibilidade, que alongou a nossa compreensão do real e do imaginário religioso.

Iniciamos esta investigação, com algumas questões, que deverão ser enfrentadas conforme os dados que obtivemos. Listamos algumas delas:

- Como Dom Fernando inseriu o Concílio Vaticano II no dia a dia da sociedade goiana?
- Quais eram as representações da Igreja católica junto à sociedade, ao governo Federal e Estadual?
- Até que ponto a escrita de Dom Fernando significava uma intervenção na história de seu tempo?
- Quais as tarefas foram concebidas pela Igreja em relação à sociedade que a envolve e o que mudou após o Concílio?
- Que mudanças na igreja foram implementadas com as constituições Dogmáticas *LUMEN GENTIUM* e *SACROSANCTUM CONCILIUM*?
- Qual o papel do Bispo em relação às comunidades religiosas?
- Como os atos episcopais foram retratados pelos meios de comunicação?

Várias perguntas podem ser respondidas se forem indagadas às fontes históricas, tanto da mídia, quanto as eclesíásticas e oficiais. Portanto, no primeiro estágio da pesquisa foi realizada uma investigação do acervo de jornais e revistas produzidas em Goiânia. Em seguida, foi feita uma leitura das imagens e poemas publicados por Dom Fernando, relacionando-os com os eventos mais importantes. Tais relações tornaram-se a matéria-prima desta pesquisa histórica.

Dito isso, temos o desejo de fazer o leitor exercitar a memória e a imaginação, retomando parte da história recente contada através do olhar de Dom Fernando Gomes dos Santos e do segundo Concílio Vaticano.

Este Concílio produziu 16 textos: 4 constituições; 9 decretos; 3 declarações, além da mensagem dos padres conciliares à humanidade. Surgiram ainda sete textos lidos, mas não votados, apresentados na sessão do dia 8 de dezembro de 1965, entre eles um dirigido às mulheres e outro aos jovens.

A proposta básica deste Concílio foi o *aggiornamento* da igreja católica, ou seja, ir ao encontro, escutar, abrir-se as exigências do mundo moderno, percebendo as profundas mudanças de estruturas, inserindo-se nele para ajudá-lo. Mas, respeitando sua autonomia num espírito de doação.

Veremos que assim foi o episcopado de D. Fernando, *aggiornamento* e diálogo se completam. Portanto, a revelação do Evangelho ao longo deste episcopado não foi estática. Pelo contrário, o dinamismo era a mola mestra que o movia, e o projetava às comunidades. Ele buscou fazer com que a sua linguagem fosse ao encontro da linguagem do povo.

No primeiro capítulo veremos, então, como foi à aplicação deste Concílio, especialmente através de duas Constituições Dogmáticas, a *Lumen Gentium* – sobre as Igrejas - e a *Sacrosanctum Concilium* - sobre a Sagrada Liturgia – e como elas marcaram as ações do arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos.

No segundo capítulo, veremos um pouco da vida de Dom Fernando, sobretudo nos aspectos clericais. Ele foi um ardente defensor da Igreja Católica que sonhava com a liberdade espiritual do povo goiano. Todavia, apesar de procurar a autonomia da Igreja, se vê, em alguns momentos frente à necessidade de solicitar a ajuda do Estado e de outros setores sociais.

No terceiro e último capítulo, veremos a transformação ocorrida com Dom Fernando através de seus poemas. Seleccionamos dois: um escrito antes e um depois do Concílio Vaticano II. Ele mesmo se refere ao acontecimento como uma verdadeira conversão de sua vida, visto ser ele homem das décadas de 20 e 30, onde os usos e costumes eram muito diferentes e rígidos.

O poema é a revelação de uma realidade interior que atravessa abstratamente a realidade perceptível através dos sentidos; é a materialização do desejo de um porto sonhador a traduzir a angústia do escritor à procura do seu próprio ser no mundo. A poesia ali se torna o ser do poeta: a alegria, a imaginação, a companhia, a criação, a imortalidade dos versos. No entanto, a efetivação plena do poema somente acontece na realização da leitura e nas suas múltiplas interpretações.¹

Por isso, trabalharemos de forma a valorizar trechos dos poemas de Dom Fernando, pois na impossibilidade de analisarmos o homem na íntegra, daremos ao leitor a oportunidade de viajar conosco fazendo sua própria leitura.

Várias fontes documentais foram garimpadas principalmente no IPEHBC, onde estão sendo catalogadas, e colocadas em caixas, descritas apenas por nome e número (Cx. 1 – Dom Fernando) e assim sucessivamente. Embora este material não estejam selecionados por ordem ou qualidade de documento e sim datas (ano), foi necessário a apreciação de várias caixas, e fichamento, para depois fazermos a delimitação exata do que seria de fato necessário.

Estes documentos estão citados na referência bibliográfica, no final desta dissertação, para facilitar da melhor maneira ao leitor a localização dos mesmos.

¹ Cf. A Literatura e o Leitor –Textos de estética da Recepção de Hans Robert Jaus – Coordenação e tradução de Luis Costa Lima Ed. Paz e Terra

I Capítulo

“COMUNIDADES, PARTICIPANDO DA CONSTRUÇÃO”: O CONCÍLIO VATICANO II

Uma das funções do historiador é trazer, principalmente às novas gerações, determinados acontecimentos vividos pela sociedade, que fizeram parte de sua história.

Assim, está ocorrendo uma multiplicação de estudos sobre “*a cultura, os sentimentos, as idéias, as mentalidades, o imaginário, o cotidiano. E também sobre instituições e fenômenos sociais antes considerados de pequena importância...*” (CARVALHO, 1998, p.54). Neste capítulo propomos tomar essas questões, verticalizando nossa pesquisa sobre o Concílio Vaticano II.

Um Concílio Ecumênico consiste na reunião de todos os Bispos do mundo, presididos pelo Romano Pontífice. Com o Concílio aberto, verificou-se logo que os bispos não estavam somente dispostos a votar o que a cúria preparava. Os povos ali representados pelo episcopado preferiram, então, por em discussão o que ouviam em Roma.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) produziu 16 textos: 4 constituições; 9 decretos; 3 declarações, além da mensagem dos pobres conciliares à humanidade. Sete textos lidos, mas não votados. Dos 240 brasileiros com direito a comparecer, apenas 222 efetivamente estiveram presentes. Estes nos transmitirão, ao longo dos anos subsequentes, aquilo que ouviram conforme as várias versões narrativas e interpretações feitas.

Os Conciliares se reuniram para discutir a unidade na Universalidade da Igreja. A grande preocupação e solicitude do Papa foram: *Domine ut unum sint!* A unidade da Igreja era fundamental!

Neste capítulo, veremos como foi à aplicação deste Concílio através de duas Constituições Dogmáticas, a *Lumen Gentium* – sobre as Igrejas - e a *Sacrosanctum Concilium* - sobre a Sagrada Liturgia - pelas ações do Bispo Dom Fernando Gomes dos Santos.

1.1- Expectativas conciliares: “*Sonha-se...e em sonhos passa-se a vida.*”

De 1958 a 1963, a Igreja Católica passa por um dos mais ricos e fecundos períodos da História da Igreja Latino Americana, em especial a igreja brasileira. A ascensão de Ângelo Giuseppe Roncali, que assumiu o papado em 1958 com o nome de João XXIII, marcou uma digressão do modelo de Igreja, visando uma adaptação ao contexto mundial. O rearranjo de autoridade que acontecia nas nações do mundo também se apresentava na Igreja. Neste iminente quadro, em 1962, foi iniciado o Concílio Vaticano II, posteriormente dirigido pelo papa seguinte Paulo VI.

João XXIII despertou intensa empatia com o povo brasileiro, devido as suas iniciativas. A teologia do povo de Deus, que tanto gostava, esteve no florescer das comunidades eclesiais de base. Houve, ainda, com a convocação inesperada do Concílio, a abertura dos caminhos do ecumenismo e o diálogo com as demais religiões.

Dos Bispos brasileiros que foram convocados para participar deste Concílio, estes, participaram efetivamente de sua realização de 1962 a 1965, e fizeram dele, experiência decisiva na vida de todos:

- Dom Ivo Lorscheider, nascido em 1927 (nos anos de chumbo).
- Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, nascido em 1930 (enfrentaram os militares em casa e fora dela, sofreram pressões e incompreensões com destemor inteligência e independência).
- Dom Aloísio Lorscheider, nascido em 1924, franciscano. Promoveu e defendeu a “Teologia da libertação”.

- Dom Paulo Evaristo Arns, nascido em 1921. Campeão de luta contra as torturas e desaparecimento de presos políticos, defensor das liberdades democráticas, trabalhou com a ONU em favor dos direitos humanos e da paz.

- Dom Helder Câmara, liderança na CNBB e Ação Católica. Tinha capacidade de aglutinar pessoas. “*Tribuno veemente, abria os braços em gestos largos*”. Foi capaz de abrigar a multidão que acorreu para escutá-lo. Os militares haviam cassado sua palavra em todos os meios de comunicação social, chamado de “arcebispo vermelho *“Não perdia seu aprumo e norte interior”*”. Um verdadeiro homem de ação.

- Dom Pedro Casaldálica – “*o profeta*”. E Dom Fernando Gomes dos Santos, de quem falaremos mais a miude ao longo desta pesquisa.

O Concílio Vaticano II sofreu uma releitura no Brasil por parte destes bispos. Emblematicamente fortaleceu uma representação social da Igreja por parte do episcopado nacional, consubstanciado pela Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), organizada em 1955.

Almeja-se um engajamento maior, da Igreja no Brasil em relação aos problemas sociais e políticos do país. Este engajamento foi reforçado pelas declarações de Medellín (1968) e Puebla (1979), deslocando a prática eclesial regional para uma representação de Igreja específica, ou seja, latino-americana.

Tanto o Concílio Vaticano II, quanto D. Fernando Gomes dos Santos, observaram o avanço da mídia globalizando o homem comum, ainda “despreparado” em sua cultura local para a avalanche de informações trazida de todo o mundo. Poeticamente, ele expressa:

*Ao clarão d’uma Igreja renovada,
Um mundo novo vem surgindo agora
Dos restos d’uma idade ultrapassada.
É triste alguém sentir que chega ao fim
Depois da noite vendo a luz da aurora...*

*Será, meu Deus, que morrerei assim? (Chegando ao Fim- Na chácara Nossa Senhora da Guia- madrugada de 18 de abril de 1968)*².

Neste trecho de poema, Dom Fernando revela uma realidade interior que atravessa a realidade perceptível dos sentidos. É talvez a materialização do desejo de um sonhador a traduzir a angústia vivida e a procura no outro do seu próprio ser. Ou a manifestação de uma memória, tecendo as relações de uma Igreja clerical e hierárquica, extremamente tradicional, como o catolicismo até o Concílio Vaticano II.

As possibilidades de participação dos leigos eram mínimas. Havia muita coisa para serem adaptados, muitos desafios, mas uma coisa era certa aos olhos do bispo: “o Espírito Santo preparou sua Igreja para os tempos futuros – para o que der e vier”.³

O mundo, após a segunda Grande Guerra, tornou-se mais ideologizado, onde um dualismo reinante enfraquecia as bases da autoridade e de legitimidade moral da Igreja Católica Romana. A representação monárquica dos papas do século XIX e da primeira metade do século XX é caracterizada por uma separação em relação às bases da Igreja, e muitas vezes mais preocupada com o poder temporal do que com objetivos espirituais.

Diante das transformações históricas da época e das expectativas conciliares tendendo a uma redefinição de postura da Igreja, Dom Fernando abriu-se a um projeto de Igreja renovada, que tentava recuperar o caráter missionário. Tal interesse possui um caráter de um lado restaurador e de outro transformador.

A Diocese, em concordância com o Concílio Vaticano II e a Conferência Episcopal Latino Americana de Medellín, foi tomando decisões não apenas na direção de catequizar, mas tornando-se um instrumento de organização do povo através de seu trabalho e luta pelos direitos da pessoa humana. Fez surgir novos movimentos populares ou organizações de defesa dos direitos do povo.

² Fragmento do poema “Chegando ao Fim” pag. 115 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

³ Doc. Avulsos de Dom Fernando - Cx 3 – Atitudes Face à Renovação- IPEHBC.

1.2 – Um novo tipo de Igreja: “..Talvez fosse empenho por vida feliz...”

Entre os vários movimentos em defesa do povo, aconteceu a crise da cristandade na América Latina. Definimos a cristandade como uma forma determinada de relação entre a Igreja e a sociedade civil, relação cuja mediação fundamental é o Estado. Em regime de cristandade, a Igreja procura assegurar a sua presença e expandir seu poder na sociedade civil, utilizando antes de tudo a mediação do Estado.

Iniciando nos anos 60, a crise da cristandade implica na análise da relação Igreja-Estado-sociedade civil e sua transformação. Tal relação pode ser classificada do seguinte modo conforme Dussel:

- a) *A cristandade colonial Latino-Americana* (1492-1808) - tratou-se de uma discussão sobre a natureza “feudal ou capitalista” da formação socioeconômica desde sua origem. A expulsão dos Jesuítas pode ter marcado o início da crise da cristandade. A modernização lusitana e administração pombalina visaram diminuir o poder da Igreja Católica, junto a Coroa. Para incentivar a mudança na mentalidade, promoveu-se uma profunda reforma nos estudos, a começar pela diminuição dos estudos de filosofia e incentivando os estudos das ciências físicas e naturais; tendo como meta o enfraquecimento do poder aristocrático e do clero. A cristandade das Índias Ocidentais foi a primeira formação periférica e depende da Europa moderna, antes da África e da Ásia. Por ser dependente e periférica, nossa cristandade colonial dirimiu sua identidade cristã e sua identidade social na alternativa “opressão – libertação”. Nesse sentido, nossa atual “Teologia da Libertação” é tão antiga quanto a América colonizada.
- b) A nova cristandade Latino Americana (1808-1960). Que é subdivida em:

b.1) a crise da cristandade colonial (1808-1870) – Também conhecida por desestabilização da cristandade colonial, por influência do estado Liberal. Muitos brasileiros com idéias vindas da Europa e dos EUA, cujo resultado prático foi a Independência dos Estados Unidos -1776 e a Revolução Francesa – 1789; iniciam-se no Brasil diversas conspirações e movimentos insurgentes contra a metrópole.

b.2) Estado liberal oligárquico (1870-1930) – neste período inicia-se no Brasil, um incipiente catolicismo iluminista, compartilhado por clérigos e leigos que integrava a sociedade urbana em formação. Um dos marcos da nova mentalidade religiosa eram a perspectiva liberal, resultando na rejeição da dominação colonial e sua sacralização. Esse catolicismo que fazia restrições às manifestações populares, vistas como expressões de ignorância cultural distanciaram-se também do catolicismo oficial. Aderiram firmemente à causa da luta de independência, propugnando um catolicismo liberal para o país, a revelia do poder autoritário de D. Pedro I e do clero absolutista que o apoiava. Com o objetivo de preservar as relações diplomáticas com Portugal, a Santa Sé relutou em reconhecer a independência do Brasil. Desenvolveu-se então entre o clero liberal e iluminista uma insatisfação com o poder eclesiástico de Roma e uma aproximação com a coroa Imperial.

b.3) Movimentos populistas, nacionalistas e desenvolvimentistas 1930-1960. A partir de 30 produziu uma mudança econômica, política, cultural e ideológica bastante radical em toda a América Latina. A causa da mudança foi a crise estrutural do sistema capitalista mundial, cujo longo ciclo de desenvolvimento deve ser situado entre 1914-1945, sendo o ano de 1929 apenas o ponto culminante.

c) 1970-1978 – Crise da Nova Cristandade Latino Americana. Segundo Dussel (1992, p.5), a Igreja começou sua renovação no pós-guerra e propõe a renovação litúrgica, catequética e pastoral. Foram três os grandes desafios para a Igreja neste período, sendo o primeiro,

relativo ao povo latino-americano, como sujeito histórico da formação social concreta. Povo marcado por opressão desde a chegada dos portugueses. O segundo desafio é o de optar pela reforma ou pela revolução, como por exemplo, em Cuba, que ofereciam aos cristãos uma possibilidade de triunfo. E por fim, o terceiro desafio é o modo de entender a função da Igreja na sociedade política e civil.

Neste período, os bispos deixam de ser ilhas isoladas e se relacionam, constituindo movimentos, se posicionando diante de questões da terra e demais questões sociais com sagacidade e sensibilidade, onde outros só viam uniformidade.

A gente vai vendo

O drama que encerra

A vida vivida.

- Sonhando ou sofrendo,

Lutando ou dormindo

A gente vai indo

vivendo na vida...

(O Drama da Vida – Setembro de 1972)⁴

Muitas formas encontradas para demonstrar o posicionamento político e social foram utilizadas por Dom Fernando. Isso foi feito em vários encontros e reuniões, mas ele utilizava também da linguagem poética, recuperando aquilo que era apenas nebuloso no pensamento ou no espírito de alguns. Suas poesias são também propostas.

Nos anos 60 e 70 aparece na história da América Latina uma contradição entre o modelo da cristandade e nova Igreja: a permanência de uma geraria a destruição da outra.

⁴ Fragmento do poema “O Drama da vida” pag. 116 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

A reestruturação da nova cristandade durante os anos 1930-60 conduziu diretamente à sua crise. A Igreja hierárquica, no entanto, dificilmente toma consciência de que levava esse modo de igreja à sua própria crise e possível destruição. Nesta passagem para uma nova igreja destacam-se a Ação Católica e a Democracia Cristã. Surgiu um maior compromisso da Igreja com o povo dos pobres e explorados (DUSSEL, 1992:262).

Para Pablo Richard (1983:22), as raízes históricas dessa atitude e consciência da Igreja são de ordem política, social e ideológica. Ele acredita que “*a potencialidade de uma fé libertadora está ligada à capacidade revolucionária, e vice-versa, no conceito da vida do povo pobre e oprimido.*”.

Segundo o autor, há uma diferença entre cristandade e Igreja, sendo a primeira um modelo de inserção da Igreja na sociedade, usando o poder político e social como mediador das classes dominantes: “*a cristandade não define diretamente a Igreja, mas a relação Igreja-sociedade.*” (Richard - 1983:23). A crise da cristandade não coincide necessariamente com a crise da Igreja.

1.3- O Concílio Vaticano II - Da Recepção à Aplicação

A Bula Papal que convocava o Concílio para ocorrer em 1962 foi lida na Basílica de São Pedro. Ali se acentua a profunda preocupação da igreja com a unidade:

Venham, portanto todos a nossa casa, rogamos-lhes com plena e amorosa vontade...não entrarão em casa estranha, mas naquela pela insigne doutrina de seus antepassados e enriquecida com suas virtudes., conforme S. Paulo aos Efésios, “há somente um corpo e um só espírito como em uma só esperança fostes chamados. Há somente um Senhor, uma só fé, um só batismo”...Que este Concílio de 62 seja

“um toque de reunir ovelhas e cordeiros no verdadeiro Redil de Jesus Cristo! (Jornal Brasil Central – Dezembro de 1961)

O ideal do Papa era que neste segundo Concílio no Vaticano desaparecessem os marcos de herança de divisão da Igreja, a exemplo do Oriente e Ocidente, assim como os preconceitos, cismas e heresias. Viesse, assim, a tona uma autêntica unidade, e que esta fosse baseada na concretude dos processos históricos:

Que não haja dentro da cidadela Santa de Sião muralhas de separação, ante muros de divisão entre aqueles que professam a doutrina de cristãos. Que todos reconheçam a Deus por Pai, a Jesus Cristo por Igreja, a Maria por Mãe e Pedro por chefe e cabeça desta Igreja Uma, Católica, Apostólica e Romana. E como lá nas colinas eternas há uma sociedade Santa, que haja também aqui, nos vales profundos desta terra, apenas uma só confissão, uma única Igreja, uma só Assembléia geral de fiéis cristãos: a presidida e governada pelo legítimo Sucessor de São Pedro, em Roma (Mensagem do Papa - Jornal Brasil Central Dez – 1961).

Com esta preocupação, o convite à participação ao Concílio se estendeu também aos cristãos separados da Igreja Católica, aos leigos, pois também a eles o Concílio traria frutos. Muitos destes estavam ansiosos por um retorno à unidade e a paz, segundo os ensinamentos de Cristo. Sendo assim, o anúncio do Concílio, foi acolhido pela igreja com alegria.

Fizeram, por exemplo, que o cotidiano na *Domus Mariae*, casa em que o episcopado brasileiro se hospedou, fosse uma vivência comunitária. Propiciando aos bispos brasileiros serem os pioneiros nas intervenções oficiais de grupo e atualizações durante a duração do evento conciliar. Isso foi importante porque os bispos brasileiros jamais se encontraram antes do concílio. Além disso, quase todos viviam isolados em

sedes de dioceses distantes e sem condições de pensar em conjunto na busca de soluções maiores.

A doutrina conciliar integraria a vida da Igreja, abrindo mentes e permitindo caminhadas solidárias em busca de soluções para os problemas humanos. Portanto, sua aplicação não deveria acontecer apenas onde os cristãos a aplicam à realidade moderna, mas na mente humana, possuidora de capacidades constitutiva e instauradora do imaginário coletivo, centrado no universo simbólico.

Depois vieram as sessões onde se juntaram o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido com um desejo de universalizar a visão da Igreja. A decisão de evitar que problemas de continentes tão distantes e diferentes sejam tratados com medidas européias.

...Afortunado aquele que resiste

A tentação de ser um infeliz,

Pois a tranqüilidade inda consiste

Na vitória de quem não se maldiz.

Venturoso quem guarda na lembrança

Os encontros felizes do caminho,

Que alimentam a chama da esperança...

(Paz interior – Goiânia 4 de abril de 1968)⁵

Este trecho do poema de D. Fernando está carregado de metáfora pluralizando o significado do silêncio, por possuir uma síntese invisível entre memória e

⁵ Fragmento do poema “Paz Interior” pag. 119 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

esperança. Invisível aos olhos da ditadura vivida naquele momento, mas agudíssima aos olhos daqueles que esperam uma solução para a paz territorial e por também, interior.

Durante os três anos de duração do Concílio Vaticano II, de 1962 a 1965, os padres conciliares latino-americanos mantiveram várias reuniões do CELAM em Roma. Ali nasceu a idéia de propor ao Papa a realização da segunda Conferência Geral dos bispos da América Latina.

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizou-se em Medellín, na Colômbia no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. Foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja na América Latina. A temática proposta foi “*A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II*”. As decisões do Concílio através da reunião episcopal de Medellín foram de acolhimento, mostrando a importância de marcos referenciais para toda a Igreja, comprometida com a causa dos empobrecidos.

Através de Medellín acolheram o Concílio Vaticano II num momento de transformação da América Latina. O Evangelho terá que ser anunciado levando-se em consideração o contexto histórico imediato e a revelação bíblica do mistério do amor de Deus. Ganham grande repercussão os documentos sobre a Justiça, a Paz e a Pobreza da Igreja.

Diante da relevância e impacto desses documentos do Concílio Vaticano II, foram as reflexões sobre pobreza e libertação, que tiveram repercussões em Medellín e abriram caminho para novos movimentos eclesiais.

O sentido eclesial mais profundo do Concílio, conforme os anúncios de Medellín, foi o compromisso da Igreja que, percorrendo muitas vezes caminhos diferentes, encarou o desafio de inserir sua caminhada na história do povo sofrido, empobrecido e marginalizado, alimentando sua esperança.

1.4- A constituição dogmática *LUMEN GENTIUM*: “A Igreja como Luz para os povos”

Esta Constituição foi dividida em nove partes ou capítulos, e em cada uma delas manifesta um desejo íntimo dos Padres conciliares de aprofundar a doutrina sobre o Episcopado (KLOPPENBURG, 1964:17).

Na primeira parte foi trabalhado “*O Mistério da Igreja*”, o desejo ardente de anunciar o Evangelho a toda criatura, conforme o texto bíblico: *E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura* (Mc. 16,15).

A proposta era explicar com maior rigor aos fiéis, a natureza e a missão universal da Igreja, a qual é em Cristo como que sacramento ou sinal, e também instrumento, da união íntima com Deus.

Conforme Pesavento (2005:26), “*para se proceder à leitura de uma época, era preciso decifrar as suas representações*”. As transformações do mundo tornavam urgente este dever da Igreja, tecendo uma nova cultura, para que todos os homens estivessem mais ligados a Cristo. Todos os homens são, no texto, chamados à esta união com Cristo, a luz do mundo.

Em seguida foram trabalhados tópicos sobre o “o povo de Deus”; “*Constituição Hierárquica da Igreja e em especial o episcopado*”, “*Os Leigos*”; “*Vocação universal à santidade na Igreja*”; “*Índole Escatológica da Igreja peregrina*”; “*Igreja Celeste*”; e “*A Bem Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja*”.⁶

Verticalizaremos nossa pesquisa atentando, dentro desta Constituição, aos documentos referentes aos fiéis leigos. Assim poderemos focar melhor o episcopado de Dom Fernando Gomes dos Santos, ressaltando seu envolvimento com a sociedade envolvente.

O Concílio Vaticano II ensina e declara que Jesus Cristo, Pastor eterno, instituiu a santa Igreja enviando os apóstolos como ele próprio fora enviado pelo Pai (Jo 20,21). Designou, posteriormente, como sucessores destes, os bispos para serem os

⁶ Cf. Doc. Lumen Gentium – Constituição Dogmática Lumen Gentium – Caixa 7 – Dom Fernando G. dos Santos - IPEHBC

pastores na sua Igreja. Era importante que o Episcopado continuasse unido entre si e com o povo.

Assim fez Dom Fernando. A partir da *Lumen Gentium*, se sentindo “convertido”, assume o chamado “...ao exercício da perfeição e a santificação dos outros, temos um dever imanente e permanente de buscar para nós mesmos a perfeição e a santificação.”⁷ Os leigos agora poderão fazer parte integrante deste contexto.

O Concílio Vaticano II enfatiza os fiéis leigos. O adjetivo “povo de Deus” vale igualmente para leigos, religiosos e clérigos. Refere-se de modo especial ao laicato, homens e mulheres, em razão da sua condição e da sua missão de contribuírem para o bem do mundo e da Igreja.

O povo de Deus precisa estar bem coeso, observar modos de vida e valores, entrar no caminho da construção, por meio de articulações, através de uma ação proporcionada de cada uma das partes, realizando o seu crescimento na caridade.

Os leigos são um conjunto de fiéis incorporados em Cristo pelo batismo com exceção daqueles que receberam uma ordem sacra ou abraçaram o estado religioso aprovados pela Igreja. A eles compete, por vocação própria, buscar o reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus.

Vivem no mundo, isto é, no meio de cada uma das atividades e profissões, e nas circunstâncias da vida familiar e social. Respondem ao chamado de Deus a contribuírem, à maneira de fermento e sal, para a santificação do mundo, através do cumprimento do próprio dever, guiados pelo espírito evangélico.

Devem manifestar Cristo aos outros, com o testemunho da própria vida e com o fulgor da sua fé, esperança e caridade. A eles compete muito especialmente esclarecer e ordenar todas as coisas temporais, com que estão intimamente comprometidos, de tal maneira que sempre se realizem e se desenvolvam.

Se os leigos vêem Cristo como irmão, Ele que, sendo Senhor de todos, tem igualmente como irmãos aqueles que, constituídos no sagrado ministério,

⁷ C.f. Caixa 7 – Dom Fernando G. Santos - Doc. “Consciência histórica de se” sobre as conclusões de Medellín – Conselho Episcopal Latino Americano.

apascentam a família de Deus de tal modo que todos cheguem a cumprir o preceito novo da caridade.

Pela força dos leigos, afirma o documento, o existir cristão cresce e se fortalece como garantia da expressividade que enaltece a comunhão da Igreja frente a inegáveis tensões, principalmente em virtude das pressões que sofrem.

Existem na Igreja os que embora procurem com todas as forças, praticar a perfeição evangélica, não se esquecendo de ser úteis à sociedade. Através de seu exemplo de vida e através das suas iniciativas de caridade.

A Igreja não oferece aos homens riquezas e nem promete uma felicidade só terrena, mas comunica-lhe os bens da graça divina que, elevando os homens à dignidade de filhos de Deus, são a defesa e a ajuda para uma vida mais humana. Os leigos são chamados de modo especial a tornar presente e operante a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde ela só por meio deles, pode surgir o Evangelho.

Assim todo o leigo, por virtude dos dons que recebeu, é testemunha e ao mesmo tempo instrumento vivo da própria missão da Igreja segundo a medida do dom de Cristo (Ef 4,7). Na vida diária, familiar e social, eles precisam apresentar-se como filhos da promessa, fortes na fé e na esperança, aproveitando o tempo presente. Com paciência esperam a glória futura.

Não podem esconder esta esperança no interior da alma, mas exprimi-la através das estruturas da vida social, por uma renovação contínua e pela luta contra os dominadores deste mundo tenebroso e contra os espíritos do mal.

Portanto, todos os fiéis deveriam procurar aceitar com prontidão essa obediência cristã e tudo o que os sagrados pastores ensinam, como representantes de Cristo. Sendo assim, a Igreja, ao receber forças de seu bispo e de todos os seus membros, realizará com maior eficácia a sua missão para a vida no mundo. Cada um dos leigos deve ser perante o mundo a testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus.

Este posicionamento da Igreja frente ao mundo moderno revela uma decisão estratégica, muito mais que um esclarecimento dogmático. Como escreve poeticamente D. Fernando:

...Quero libertar-me de mim mesmo,

Desprender-me da terra,

Ir além dos nevoeiros,

Sem presunção nem fraqueza,

Antes, com muito amor,

Para doar-me de vez...

(Poemeto Sofrido – 1-12-1975)⁸

E os frutos da atitude de Dom Fernando se espalharam pelas comunidades. Aparentemente, o poema de Dom Fernando era uma representação propondo a comunicação de uma mensagem. Textos como esse permitiam aos indivíduos inserirem-se num grupo social e legitimar seu comportamento, apesar de constituírem uma visão incompleta ou parcial do real.

1.5- A constituição *SACROSANTUM CONCILIUM*: “...É teu povo, lá fora...”

Nesta Constituição, a proposta era estimular sempre mais a vida cristã entre os fiéis, acolhendo melhor às necessidades da época. Assim, favorecer tudo o que possa contribuir para a União dos que crêem em Cristo e promover o que conduz o chamamento dos fiéis para o trabalho no seio da Igreja.

⁸ Fragmento do poema “Poemeto Sofrido” pag. 124 - 125 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

Respeitou-se a “escala de valores e dos deveres, conforme a teologia: Deus em primeiro lugar; a oração, a nossa obrigação primeira; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada...” (KLOPPENBURG, 1964, p.412). Por isso julgou-se ser seu dever, a partir desta Constituição, cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia.

Deverá ser introduzido aquilo que deve animar e caracterizar a vida da Igreja. Simplificar as expressões do culto e procurar torná-lo mais compreensível ao povo. O que não quer dizer que a liturgia deverá ser empobrecida, ou que seja diminuída a importância da oração. Ao contrário, através da Liturgia, a Igreja poderá anunciar o único e verdadeiro Deus, propondo a conversão e a penitência, ensinando-os a observar tudo o que Cristo mandou.

Para que obtenha eficácia, é importante que os fiéis se aproximem cada vez mais da Sagrada Liturgia com disposições de reta intenção e sintonizem a sua alma com as palavras do Evangelho. Foram palavras recebidas do próprio bispo, Dom Fernando G. dos Santos, e do qual depende a vida litúrgica dos fiéis em Cristo. A seu exemplo, todos devem dar a máxima importância à vida litúrgica, sobretudo na Eucaristia. Como não é possível o bispo estar presente em todos os lugares, é necessário organizar em sua diocese grupos de fiéis, por todas as paróquias a ele confiadas.

Faz parte também, das formas de transmissão, a homilia. Através da qual é exposto os mistérios da fé e as normas da vida cristã. Ela mostra a ação da Igreja como fonte que emana com toda força na vida espiritual, *“buscando ver como as práticas e experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, idéias e conceitos sobre o mundo”* (PESAVENTO, 2005, p.32).

Através das homilias, a Igreja mostra o desejo de que todos os fiéis sejam levados à plena consciência de uma ativa participação litúrgica, mediante a instrução e o empenho oferecida pelos “pastores de almas, em ação pastoral”. (KLOPPENBURG, 1964, p. 422).

São escolhidos também pelos bispos professores para lecionar a disciplina da Sagrada Liturgia nos seminários, nas casas religiosas de estudos e nas faculdades teológicas.

*“Nos seminários e casas religiosas de estudos, a disciplina da Sagrada Liturgia esteja entre as disciplinas necessárias e mais importantes; nas faculdades teológicas, porém, entre as principais, e seja tratada tanto sob o aspecto teológico e histórico, quanto espiritual, pastoral e jurídico”.*⁹

Através das informações contidas nos arquivos do IPEHBC, foram encontrados registros de currículos recebidos por Dom Fernando, o que demonstra a repercussão desta norma. Vejamos alguns dos currículos apresentados a Dom Fernando na década de 1960:

- Lauro de Vasconcelos. Nasceu em Pitangui MG em 1934.

Experiências: professor de Desenvolvimento e Org. de Comunidades da Fac. De Serviços Social – Universidade de Goiás 1966/70. Examinador de curso de vestibular de 66 a 67. Assistente Social do Inst. Pestalozzi de Goiânia.

- Maria Helena Barcellos Café. Nasceu em Belo Horizonte MG em 1932. Experiências: Direção do Seminário “Dimensões da Pessoa Humana!”. Seminário de Filosofia Moderna. Educadora no Clube das Mães. Palestras destinadas aos pais e alunos do Inst. De Educação. Palestras juventude no Mundo de hoje.

- Luis Gonzaga Contart. Nasceu em Ituverava SP. Em 1925.

Experiências: Dep. Federal de Segurança Pública. Jornal DC – Brasília, como redator e diretor comercial. E no Jornal 5 de março.

⁹ Cf. Kloppenburg, Pe. Frei Boaventura, Concílio Vaticano II – vol. III - terceira sessão (set.nov. 1964) Ed. Vozes – Petropolis Rj – 1965 – p.424

Nota-se a distinção social das pessoas que responderam ao convite de D. Fernando e queriam se engajar no ensino litúrgico. O desejo da Igreja era que seus fiéis fossem levados à consciência e ativa participação das celebrações litúrgicas.

Mas nossa pesquisa se funda especialmente nos documentos produzidos pelo próprio Dom Fernando, através do hábito que tinha de registrar o que se passava na Catedral, nas paróquias pertencentes à diocese, nos encontros comunitários pelos quais passava. Ele levava, assim, ensinamentos aos fiéis e as mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II.

Quanto à reforma geral da liturgia, consta de uma parte imutável e de partes suscetíveis de mudanças¹⁰. Com esta reforma, o texto e as cerimônias devem ordenar-se de tal modo, que de fato expressem mais claramente as coisas santas, o que elas significam e que o povo cristão possa compreendê-las mais facilmente. Assim, participariam plena e ativamente da celebração comunitária.

Aconteceu também a revisão dos livros litúrgicos para que as partes dos fiéis pudessem ser observadas e acompanhadas por todos nas celebrações, sobretudo no anúncio do Evangelho. Instituiu-se que o povo responda a Deus, ora em cânticos, ora em orações. Os fiéis não deveriam assistir a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos.

Compreendendo a celebração, os fiéis permaneceriam compenetrados pela representação das cerimônias e pelas orações, participando conscientes e ativamente da ação sagrada. Instruídos, aprendam a oferecerem-se a si próprios, não só pelas mãos do sacerdote, mas também pela causa de Cristo.

1.6 - O comunismo de Fidel se infiltra nas Igrejas: “...o veneno e o mel...”

¹⁰ Cf. Kloppenburg. Pe. Frei Boaventura, Concílio Vaticano II – vol. III - terceira sessão (set.nov. 1964) Ed. Vozes – Petropolis Rj – 1965 – p.425

“O Sr. Jânio Quadros, como qualquer outro cidadão que se confessa democrata, não tem o direito de ficar calado ou de se manifestar solidário a um ditador que transformou sua terra em uma grande caserna, onde se ensina ódio às crianças, armando-se meninos e meninas com fuzis e metralhadoras, ou quando a delegação se transforma em sistema e a moral familiar é pisada e desrespeitada.”
(Jornal Br. Central - maio-61)

Em maio de 1961, foi consumada a ditadura em Cuba, e ocorreu a implantação do Regime Comunista. Aqui no Brasil, estudantes de Escolas particulares se unem, contra o comunismo. A Imprensa religiosa se mobilizava a favor da Igreja e funda a União Nacional Católica de Imprensa, lutando para que nenhum católico fique indiferente ao “sofrimento” dos cubanos.

A Igreja na figura do Papa João XXIII lançou a encíclica *Mater et Magistra*. Era uma manifestação da Igreja contra o comunismo¹¹ e em defesa do homem, “ameaçado” pela doutrina marxista.¹²

O papa pediu a elaboração, com urgência, de um plano de trabalho coletivo, com o objetivo de impedir o triunfo do comunismo entre as massas abandonadas do continente latino-americano. Por outro lado, ele tornou-se mundialmente conhecido como o “irmão dos pobres”, e no regime militar do Brasil, vários colaboradores seus serões perseguidos e torturados até a morte.

Neste momento, João Goulart – vice presidente do Brasil, estava em visita na China. A renúncia¹³ de Jânio Quadros fora comentada mundialmente e a ascensão de Goulart, alarmou a população, em especial a Igreja, que temia a chegada do comunismo. Aqui na América Latina, Fidel Castro havia condenado sacerdotes a 20 anos de prisão por cometerem delitos contra o Estado.

De Cuba, Fidel Castro pretendia exportar a revolução para o Brasil. E aqui o temor ficava por conta das Igrejas. Temores ligados à dispersão do “povo de

¹¹ Cf. Boff. 1986: 45

¹² Cf. Revista da Arquidiocese Ano XXXVI nº 2 – 1995- Edição Especial “Dom Fernando Vive entre nós” - Pag.62.

¹³ C.f. Documentos avulsos de Dom Fernando - “A crise do Momento” cx. 07(20-07-61 a 04-08-61) - IPEHBC

Deus”. Serão fortalecidos os movimentos e comunidades de base, para dar sustentação bíblica e renová-las, dando mais força, luz, segurança e autonomia, na obediência à Palavra de Deus.

A situação rural também preocupava muito o Papa, que tentou influenciar os grandes proprietários de terra para conseguir resultados práticos – a reforma agrária.

O Presidente João Goulart recebeu vários Bispos, dentre eles Dom Fernando, para um almoço no Palácio e pediu orações para seu governo e para a “pátria estremecida”: *“Que a Igreja nos ampare nesta missão”*.¹⁴

Com esta atitude, o presidente João Goulart conquista a simpatia aparente da Igreja e do povo. Mas sua característica populista deixava os políticos centristas intrigados e temerosos de uma guerra civil. Era preciso que a Igreja Católica aparecesse como um instrumento de salvação para todos: a ela foi confiado por Cristo Nosso Senhor o depósito da fé, a fim de que o guarde fielmente e, por sua incansável atividade, o faça conhecer a todos os homens de maneira conveniente.

O novo Papa Paulo VI – João Batista Montini, arcebispo de Milão - assumiu anunciando que o Concílio teria seqüência a partir de setembro. Ele pediu aos comunistas a restauração da liberdade.

1.7 – Considerações finais: “Fé é dom de Deus”

Este Concílio tornou-se um marco, um divisor de águas, uma nova etapa na Igreja por todo o mundo, com reuniões entre líderes de todas as Igrejas cristãs. Foi com este Concílio que os padres deixaram de usar a batina diariamente, o que era tão segregador quanto rezar a missa em Latim e de costas para o povo.

¹⁴ Cf. Jornal Brasil central - out. de 1961- microfilme.

As constituições e decretos no Vaticano II foram, e ainda estão sendo, revistas algumas características, adaptando-se as práticas eclesiais às realidades culturais de cada região. Os prelados latino-americanos ao voltarem do Concílio, empolgados pela extraordinária energia daquele evento redescobriram o mundo do nosso Continente.

II CAPITULO

“TUDO FOI TÃO RÁPIDO...”: NA FÉ ESTÁ SUA VOCAÇÃO.

Neste capítulo, veremos um pouco da vida de Dom Fernando Gomes dos Santos, sobretudo nos aspectos clericais. Ele demonstrou ser um ardente defensor da Igreja Católica que sonhou com a liberdade espiritual do povo goiano, mas que apesar de procurar a autonomia desta Igreja, se viu, em alguns momentos, frente à necessidade de solicitar a ajuda do Estado. Outras vezes, foi crítico com o próprio Estado.

Percorreu uma verdadeira *via sacra* para conseguir impor e defender sua autoridade, conseguir seus fins, defendendo uma “Igreja de homens e para o bem dos homens”.

Conduzida por Dom Fernando, esta Igreja procurou, sobretudo, o cumprimento do que entendia ser sua missão, o que lhe exigiu trabalhar por mais justiça e fraternidade entre os homens.

2.1- “PAI E PASTOR DE NOSSA IGREJA”: A VIA SACRA DE FERNANDO

Filho do professor Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Gomes Lustosa, nasceu Fernando na cidade de Patos, no Estado da Paraíba, trazendo como sobrenome Gomes dos Santos, em 1910. Esse período é conhecido pela historiografia como República Velha, indo de 1889 a 1930. Foi marcado pelo domínio político das elites agrárias mineiras, paulistas e cariocas.

Filho amado, de uma família muito religiosa e temente a Deus, freqüentadores das missas dominicais e cumpridores das obrigações sociais, Fernando foi batizado e crismado na “igreja paroquial (hoje Catedral de Nossa Senhora da Guia)”, onde também recebera a primeira comunhão¹⁵.

Fernando fez o curso primário ministrado por seu pai e a seguir foi para o seminário da Paraíba aos 11 anos de idade, onde estudou até o segundo ano de teologia. Depois, seguiu para Roma.

Este foi para Fernando, um momento de sociabilidade. Pois vinha de região pequena e carente, mas se projetara para um mundo além mar, em busca de construção e conhecimentos, que seriam repassados ao longo de sua vida religiosa.

O Brasil neste período firmou-se como um país exportador de café. Foi regido por governos de presidentes civis até 1930, ligados aos setores agrários. Estes políticos saíam dos seguintes partidos: Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Mineiro (PRM), que controlavam as eleições, mantendo-se no poder de maneira alternada. Dominando o poder, estes presidentes programaram políticas que beneficiaram o setor agrário, principalmente os fazendeiros de café do oeste paulista.

Foi a chamada Política do Café-com-Leite, os dois Estados mais ricos da nação nesta época, e por isso, o café (paulista) e o leite (mineiro) dominaram o cenário político da República.

Saídos das elites, os presidentes acabavam favorecendo sempre o setor agrícola, talvez por isso, tenham sofrido duras críticas de empresários ligados à indústria, que estava em expansão neste período.

¹⁵ C.f. Testamento - Revista Da Arquidiocese Ano XXXVI nº 2 - edição especial, 1995- Goiânia.Go

Na área social, várias revoltas e problemas aconteceram nos quatro cantos do território brasileiro. E no mundo, o fim da década de 1920 foi anunciado com crises. Ainda em 1927 a economia norte-americana vinha experimentando um *boom* artificial, alimentado por grandes movimentos especulativos nas bolsas e pela supervalorização de ações, e por uma queda generalizada nos preços agrícolas internacionais. O fator mais marcante deste período foi a crise financeira detonada pela quebra da Bolsa de Nova Iorque.

Nessa época, os Estados Unidos já ocupavam uma posição hegemônica na economia capitalista mundial, como maior potência industrial e financeira. Este fato foi determinante para que a crise assumisse proporções mundiais. Tendo severos efeitos na América Latina, cuja economia agroexportadora foi altamente afetada pela retração nos investimentos estrangeiros e a redução das exportações de matérias-primas.

Segundo Boris Fausto (1989, p.92,93), o Brasil passava pela famosa crise do café, que fez parte da história de tantas famílias paulistas que sofreram duras conseqüências desde 1920, devido ao contínuo, descontrolado e excessivo aumento da produção, cuja safra chegava a espantosos 21 milhões de sacas para um consumo mundial de 22 milhões. Em Outubro de 1929 os fazendeiros ainda estavam exportando a safra de 1927 e a safra de 1928 estava toda ela retida nos armazéns de valorização de café.

Em trechos de seu poema “A Fé”, escrito em 1930, poderemos ver a preocupação de Dom Fernando com a situação de confusão vivida neste período. E sua determinação como cristão católico, dedicado às causas sociais, deixando claro sua posição na fé, onde para ele, neste momento, não pode haver meio termo, não se deve ficar em cima de muros, é necessário fazer sua opção para não ser corrompido.

...Bem diferente é ver daqui da ponte

A confusão dos seres desunidos...

Mesmo as águas que vêm da mesma fonte

Se dispersam nos campos ressequidos...

...Na fé, portanto, está sua vocação:

Ou tudo realiza, ou, ao inverso,

Se destrói, corrompendo a Criação!

(A Fé – Roma 20 de fevereiro de 1930)¹⁶

Criada a Diocese¹⁷ de Cajazeiras, em 06 de fevereiro de 1914, pelo Papa Pio X através da Bula "Maius Catholicae Religionis Incrementam", e desmembrando-a da Diocese da Paraíba, nessa mesma data ela foi elevada à dignidade de Metrópole. Abarcava, inicialmente, toda a região sertaneja deste Estado. Prolongando-se até a serra de Teixeira, e daí pelos limites que separavam a Paróquia de Teixeira das Paróquias de Patos e Piancó até o Estado de Pernambuco.

No seminário, através das orações, os estudantes pediam respostas a Deus sobre suas vocações, lendo as passagens da Bíblia: Genesis 12,1 "*O Senhor disse a Abraão: Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrar*". A confiança em Deus guiava a uma resposta para aqueles jovens, que viam na vocação um chamado de Deus. Então em Êxodo 3,10 "*Vai, eu te envio ao faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo*". Aquele Livro Sagrado trazia confiança aos seminaristas sobre suas vocações, e esta confirmação era obtida, por exemplo, em Marcos 10,21 "*Jesus fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me.*" Deus escolhe e destina a uma missão dentro do Plano da Salvação.¹⁸

Fernando sempre se lembrava da fidelidade de Cristo, dedicada ao povo de Deus, e quando se prostrou no chão, na cerimônia de ordenação ainda jovem, aos 21 anos de idade, sentiu novamente a força do Espírito Santo envolvendo sua vida. Agradeceu a Deus aquela entrega, e por ter se dado a sábia oportunidade de ouvi-lo, e deixá-lo conduzir sua vida. Aquele era o casamento com Maria, o sim, a Nossa Senhora

¹⁶ Fragmento do poema "A Fé" pag. 109 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial "Dom Fernando Vive entre nós".

¹⁷ Diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica.

¹⁸ Doc. Pastoral vocacional –sem data precisa –(Caixa 2; Dom Fernando - década de 1960 –IPEHBC)

e ele deveriam ser eternamente fiel a Ela a Deus, e aos menos favorecidos, através de seus votos. Ele via, com os olhos da memória e enxergava as coisas que existiam antes das atuais e contava para os vindouros, para que a memória não morresse de vez.

Conforme Fernando crescia intelectualmente, via que a vontade divina podia ser cumprida e ensinava ao longo de sua vida, aos homens do sertão e àqueles que por afinidade seguiam seus passos pelos caminhos percorridos na vida religiosa. Ele escrevia orações como a que se segue:

Senhor Deus, nosso Pai, abençoei a nossa Pátria. Defendei o Brasil daqueles que exploram o povo; vendem as nossas riquezas ; plantam nosso arroz e feijão, não para nos alimentar, mas para vende-lo ao exterior, deixando o povo morrer de fome. Senhor Deus, uni-nos na fé, na esperança e na caridade. Dai-nos a vossa luz e o vosso amor para que saibamos escolher – com liberdade e dignidade – os nossos governantes. Senhor Deus, não permitais que este estado de coisas, que anarquiza com a nossa história, continue a vigorar. Precisamos mudar, não como quem domina o povo, mas como quem serve ao povo. Virgem Santíssima, nossa Mãe, que nos destes Jesus Cristo, continuai a ser a Mãe de todos os brasileiros para que, unidos ao vosso divino Filho, possamos dar testemunho de que, na verdade, somos filhos de Deus e verdadeiros membros da sociedade brasileira (1982)¹⁹

Nesta prece, Dom Fernando analisa os fatos mais importantes, com a aparente preocupação de revelar ao leitor as grandes linhas de força que permitem compreender o sentido da formação histórica brasileira.

Detém-se na análise de instituições fundamentais ao sistema e introduz o leitor nas controvérsias historiográficas mais significativas, mostrando como a Igreja vinculada à Teologia da Libertação constituiu-se durante os governos militares na maior força de oposição à ditadura. Era a única voz que o Estado não conseguiu calar.

¹⁹ Cf. Dom Fernando Gomes dos Santos – Sem Violência e Sem Medo: escritos, homilias e entrevistas. - 1982 – Ed. Universidade Católica– pág. 65-66.

A oração, enquanto solicita amparo, ao mesmo tempo denuncia, pois nesta época é exatamente esta elite de militares que viabiliza as políticas econômicas não priorizando a classe trabalhadora, deixando grande parte destes à margem da sociedade. E apesar de grandes enfrentamentos, a Igreja não deixava com que esses mecanismos funcionassem, ou pelo menos não como acontecia na sociedade como um todo.

A vanguarda da Igreja sobreviveu, para dar testemunho de que somos filhos de Deus e membros da sociedade brasileira, não como dominantes, mas como servidores desta sociedade. A poesia tem o papel de solidarizar e denunciar as ingerências, as mazelas e abusos de poder nas relações. Esta num plano físico e espiritual, físico enquanto documento e espiritual enquanto dirigido a metafísica (diálogo com Deus) Transcendente.

Com relação à sua vocação ao sacerdócio, mais tarde ele comentou:

...a vida religiosa, portanto ao chamamento de Deus, há uma série de preconceitos. Nós temos chegado a conclusão, que estamos lutando com a falta de mentalização do povo. E no entanto esse povo convive com padres...todos pensam que cada um escolhe a sua vocação, e não sabem que é Deus que escolhe. Isto é básico também em vocação: eu não escolho ser padre, ser religioso. Eu escolho aquilo que, desde a eternidade, Deus, já tinha sonhado para mim. Eu escolho dizer “sim” livremente, como Maria, foi livre e Adão também.²⁰

Neste momento Fernando tinha consciência de que sua escolha fora conduzida por Deus, mas ainda não sabia a dimensão deste sim, no qual com determinação havia dito no momento de sua entrega à Igreja. Sua missão ainda estava por vir. E veio através de sua participação ativa, no Concílio Vaticano II.

²⁰ Doc. Avulso – 1º Encontro Vocacional do Regional Centro-Oeste 3-7/5/1965 – Cx 3 – Dom Fernando – IPEHBC.

2.2- As Igrejas do Cone Sul: “...Um sonho, talvez, que me trouxe alegria...”

Quando chegou a Revolução de Outubro de 1930, a Igreja estava preparada para lançar-se na arena política do populismo. O arcebispo de Porto Alegre Dom João Becker, “*apoiou os insurgentes desde o começo*” e nomeou o padre Vicente Scherer como capelão militar da revolução gaúcha (DUSSEL, 1989 :20).

Após o sucesso da revolução de 30, o Cardeal Leme organizou manifestações de massa em honra a Nossa Senhora Aparecida e ao Cristo Redentor do Corcovado, deixando claro ao governo a importância da Igreja e seu apoio a Liga Eleitoral Católica (LEC). Entre 1932 e 1933, havia força para impor aos programas dos partidos políticos as reivindicações da Igreja, tendo este papel de destaque no nascimento do populismo getulista.

Em 1946, o mundo passava pelas grandes dificuldades. Terminara a grande guerra e os Estados Unidos emergiam do conflito não apenas como a principal nação vitoriosa, mas também com a hegemonia econômica e política internacional consolidada.

Em face da problemática economia internacional dos anos imediatos ao pós-guerra era difícil praticar uma política econômica externa como a proposta.

No trecho de poema, a seguir, Dom Fernando demonstra o horror das guerras e a divisão causada entre irmãos que, perdidos no afã da própria defesa, usavam apenas o instinto de sobrevivência. E caíam por terra os laços de uma humanidade temporariamente cega pelo terror.

...Nas guerras teimavam irmãos contra irmãos...

Duas lutas havidas de uns contra os outros,

O tempo vingou-se, tornou-se inclemente.

Criaram fronteiras, quebraram a unidade...

Desfez-se em pedaços a terra da gente!...

(Uma Pátria Somente – Montenero, 17 de setembro de 1931)²¹

A principal preocupação dos norte-americanos era tornar a Europa economicamente forte, entre outras razões, para conter o avanço do seu principal inimigo do pós-guerra, o comunismo.

O Brasil parecia levar em conta as prescrições do recém criado Fundo Monetário Internacional, incompatível com o quadro de dólares escassos, moedas européias inconversíveis e a prática corrente de protecionismo e acordos bilaterais entre os países. Além disto, os Estados Unidos estavam muito mais preocupados com a Europa e sua reconstrução econômica, do que com seu principal aliado da América do Sul.

Dom Fernando marcou presença constante no sertão, assolado pelas secas. Criou o Colégio Cristo Rei e o Ginásio Diocesano, tendo ainda organizado a Ação Católica. Passava horas ao lado de sua comunidade, que apesar de carentes financeiramente, tinham uma sabedoria ímpar, que vinha comungar com seus ideais pessoais. Eles eram uma verdadeira inspiração.

O bispo assistia às reuniões daqueles grupos, e os líderes sempre alertavam os demais dizendo para que não se iludissem e nem se deixassem enganar com promessas ou dinheiro; nem por benefícios ou vantagens que caso os políticos candidatos fizessem, nem mesmo por empregos, mas para que todos se guiassem pela fé. Que fossem unidos, pois assim teriam “força, não para pedir esmolas a governo que não nos quer governar – mas para exigir, daqueles que querem servir ao povo, os caminhos que Jesus deixou para caminharmos neles. Assim Seja”.²²

2.3- A Ação Católica: “...Sem nada que impeça a liberdade na Glória...”

²¹ Fragmento do poema “Uma Pátria Somente” pag. 110 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

²² Dom Fernando Gomes dos Santos – Sem Violência e Sem Medo -1982 – pág. 66

A Ação Católica foi instituída por Pio XI em 1922, para fazer frente às visões de mundo que ameaçavam a hegemonia da Igreja Católica naquele momento.

Dom Fernando (eleito bispo em 9 de janeiro de 1943, aos 33 anos) dava grande importância à ação do leigo na sociedade e via na Ação Católica um instrumento fundamental para o povo. Encontrou no Pe. Serra²³ um grande apoio para a organização do laicato.

Em 1949, transferido para Aracaju, atuou no campo social e nas vocações. Continuou seu trabalho em regiões semi-áridas, onde muitas visitas às comunidades eram feitas a pé ou a cavalo. Costumava convidar sempre representantes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário para olhar de perto as políticas públicas que deveriam atender às crianças e aos adolescentes. No sentido de fazer com que os grupos interfirmam na elaboração do Orçamento Público Municipal e acompanhem o processo de discussão e aprovação na Câmara Municipal. Propôs a criação das dioceses Estância, no Estado de Sergipe, com o apoio de Pio XII.

Em 1950, a sociedade brasileira passava por processos de modernização no mundo urbano e rural, que incluía a divulgação de novas correntes de pensamento, tanto profano quanto religioso. Diante disso, quando a Igreja Católica se via impelida a mudar sua relação com a sociedade, buscava formas de atrair determinados segmentos para a militância religiosa. Era hora de recorrer às teorias para por em prática. A Igreja deveria retomar a Ação Católica.

Os objetivos centrais da Ação Católica visavam combater as visões adversárias à da Igreja através de leigos preparados. O projeto de ampliar a presença da Igreja católica na sociedade era um indicativo de que a Ação Católica tornava-se uma forma de buscar o estabelecimento de uma nova cristandade, ou “... uma ordem econômica social e política sob a direção dos princípios cristãos definidos pela Igreja”(BEOZZO, 1984, p.322).

Beozzo destaca o elemento novo dessa organização e salienta que a Ação Católica aproximava a esfera privada da pública. A Ação Católica foi o resultado de uma corrente crítica dentro do catolicismo em relação ao processo que ao longo do

²³ Padre Serra – sacerdote que prestava serviços à Catedral Metropolitana de Goiânia, nos primeiros anos de bispado de Dom Fernando (Livro Tombo).

século XIX, levou a religião a pertencer, cada vez mais aos assuntos da esfera privada. A Ação Católica pretendia estabelecer uma ponte entre o público e o privado, entre o sagrado e o profano. Os leigos com um pé na instituição religiosa e com outro no mundo profano, através do trabalho profissional, ocupam posição estratégica para estabelecer os primeiros contatos e implementar a presença da Igreja nestas áreas dessacralizadas (BEOZZO, 1984, p.322).

A idéia era que o leigo levasse os problemas da vida profana, a respeito dos quais tinha mais conhecimento, possibilitando à Igreja uma análise mais sistemática da realidade vivida pela sociedade. O laicato passa a ser visto como uma possibilidade de vitalidade da Igreja e do ressurgimento da sociedade cristã. Através da Ação Católica, portanto, os leigos da igreja goiana deveriam:

...santificar os meios rurais, operários, estudantes e independentes. A mensagem da Comissão Episcopal da Ação Católica e do apostolado leigo foi clara a esse respeito ao afirmar que os leigos tinham a vocação divina de consagradores do mundo, de todas as estruturas sociais, de todos os ambientes, para que aí se respeitasse a justiça, o amor fraterno, a honestidade, a liberdade, a divindade da pessoa humana, os direitos sagrados de Deus e da Igreja²⁴.

Para participar da Ação Católica nem todos eram chamados, mas sim os que tinham aptidões especiais e formação adequada à tarefa que lhes seriam confiadas. Esses líderes passavam por um processo contínuo de formação cristã. Alguns militantes no plano diocesano tinham como atribuição:

orientar e coordenar a ação missionária nas paróquias e, no plano paroquial selecionar e formar...elementos que se especializassem em determinados tipos de atividade, incorporando-os à ação missionária nas paróquia e, no plano paroquial, selecionar e formar...elementos que se especializassem em determinados tipos de atividade, incorporando-os à ação missionária da paróquia. (BEOZZO, 1984, p.322).

²⁴ Revista da Arquidiocese de Goiânia, nº 8, ano 1960, pag. 27.

Assim criava-se uma ruptura do equilíbrio entre a Igreja e o Estado, embora esta tenha que ser uma política de acordo com a moral cristã. Mas a Igreja passa a obter múltiplas concessões, levando a religião a pertencer, cada vez mais aos assuntos da esfera privada, mas com um preço a pagar: sua liberdade.

Para Dom Fernando, a Ação Católica no Brasil era a organização dos leigos mais atuantes nos enfrentamentos de problemas sociais, políticos e econômicos, à luz da Doutrina Social da Igreja, assim como nos movimentos litúrgicos e bíblicos. Uma espécie de “Associação de leigos”, sem ser um partido e sob estrito controle da hierarquia eclesiástica (BEOZZO, 1984:303). No meio rural, tão relevante para Goiás, a Ação católica atuou a partir de 1948. Registra este documento de 1960:

...O nosso meio rural é dos mais precários do mundo pela falta de transportes, pelo baixo nível econômico da população agrícola, pelas endemias reinantes, pela insuficiência e pobreza de alimentação, pela ausência quase total de estímulos educativos, pela ignorância geral e religiosa. Havia um plano mínimo de Ação social de grande alcance para o ânimo dos colonos (moradores ou arrendatários).²⁵

A Igreja adotava, portanto, uma posição de tutela das “massas” para transforma-las em “povo” seguindo a cartilha desenvolvimentista.

Conforme Terezinha Duarte (1996, p.33), a Igreja vivia uma situação ambígua neste período, onde por um lado se coloca como promotora do desenvolvimento perante as camadas mais pobres das regiões carentes, e por outro, mantinha relações de colonato com o Estado.

2.4- A Arquidiocese de Goiânia: “...me alimenta a esperança...”

Goiânia nasceu sob a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora. “Diversos aspectos da bênção e lançamento da primeira pedra do Santuário de Maria auxiliadora,

²⁵ Doc. Avulso – cx 1- Dom fernando – IPEHBC- referênte a Revista da Arquidiocese de Goiânia nº 8 – 1960.

na cidade de Goiânia em que se instalara na nova Capital do estado de Goiás. A cerimônia foi oficiada pelo Exmo Sr Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira e paraninfada pela Exma. esposa do Governador Estadual, D. Gercina.” (SILVA, 2006, p. 459).

Dom Emanuel quando possível esteve presente na criação desta Arquidiocese, na transferência da capital, e enviava também um “*sacerdote de sua delegação. Benzeu-lhe a primeira cruz, abençoou as primeiras pedras dos primeiros prédios, rezou missas campais... jamais descuidou o edifício espiritual da sua diocese.*” (SILVA, 2006, pp. 461-462).

Em 1956, foi criada a Arquidiocese de Goiânia e em 1957 foi escolhido pelo Papa Pio XII, em 7 de março, Dom Fernando Gomes dos Santos “ *homem que segundo o Pe. José Pereira de Maria, via muito longe*” (DUARTE, 1996, p.17). Aos olhos de Pio XII, capaz de dirigir os rumos da Igreja católica no coração do Brasil. Era Bispo de Aracajú, e foi designado como primeiro arcebispo em Goiânia²⁶, tomando posse em junho do mesmo ano.

Tendo consolidado uma percepção sobre o lugar, Dom Fernando definiu sua política de ação. Criou a Revista da Arquidiocese, e rearticulou um jornal de circulação diária, o “Brasil Central”. Em 1958, criou a Rádio Difusora de Goiânia, que serviu como piloto para a atuação do Movimento de Educação de Base (MEB) e estimulando o trabalho de alfabetização dos trabalhadores rurais de Goiás. E rearticulou o Seminário Santa Cruz. Goiânia apresentava várias características de uma cidade tradicional e passou da década de 60 à década de 80 por rápido processo de modernização.

A Igreja Católica encontrou no arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, apoio, para essa transição. Mais tarde, após o Vaticano II, ele trouxe as experiências do Concílio, para implantar a Igreja na construção da nova capital federal, assim como em muitas cidades do Estado. Foi um homem de trabalho, mediando o diálogo da Igreja com o mundo moderno, como pedia o *aggiornamento* conciliar.

²⁶ “Assumindo uma Arquidiocese de grandes dimensões composta por 51 municípios e parte de outras três, porém sua trajetória parecia qualificar o prelado para esta função. A Arquidiocese havia sido criada em março de 1956, com a Bula *Ssma Christi Volutas*, mesmo documento que extinguiu a Arquidiocese de Goiás, criada em 1933. Doc. Anuário da Arquidiocese- 1965 -IPEHBC

2.5- Os Seminários diocesanos: “...a liberdade na glória dos filhos de Deus...”

O Seminário Santa Cruz não recebia somente candidatos ao sacerdócio, mas também outros alunos vindos de todas as regiões, que queriam aproveitar a qualidade do ensino da instituição. A pedido de D. Fernando, os Padres diocesanos e os freis capuchinhos especialmente os da região da Macambira, labutaram, em verdadeiro “terreno de missão” (DUARTE, 1996, p.17), sendo condutores do povo e fazendo valer o papel da Igreja Católica nos momentos decisivos.

*...Senhor!
Tu me deste
Bons Auxiliares.
Falta-me, entretanto
O que mais desejo:
Merecer de todos eles,
Não o respeito cauteloso,
Mas confiança generosa.
(Confiança- Aracajú, 12 de abril de 1953)²⁷*

Neste trecho do poema confiança, D. Fernando mostra sua satisfação com aqueles que o rodeiam, mas sofre ao se sentir pequeno diante de tamanha tarefa: conduzir sabiamente suas ovelhas. Mas ao contrário das ovelhinhas (animais) que são condicionadas a voz e gesto de seu pastor, Dom Fernando desejava acima de tudo a confiança de seus filhos.

Mesmo após a criação da Arquidiocese de Goiânia, em 1956, o Seminário Santa Cruz permaneceu em Silvânia até 1961. Dom Fernando Gomes dos

²⁷ Fragmento do poema “Confiança” pag. 112 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

Santos iniciou, após assumir a arquidiocese, o projeto de construir uma nova sede-própria para o Seminário Santa Cruz. A formação do clero era fundamental no projeto de renovação do catolicismo em Goiás. O arcebispo desejava um corpo sacerdotal coeso.

Os seminaristas aprendiam que a luta contra as injustiças e arbitrariedades, especialmente quando se trata de indefesos e pobres, é uma luta fundamental para o cristão, tanto que, não lhe é permitido calar, fugir ou se desinteressar.

Depois de uma visão de conjunto dos atuais problemas que angustiam o mundo e a arquidiocese de Goiânia, e analisando o grave problema da instrução em nossa comunidade, foram apresentadas sugestões mais práticas para um apostolado mais eficiente.

2.6- Na Capital Federal: “...Na tua solidão, Sentes também...”

Na época da construção de Brasília, o arcebispo teve como função, contribuir com a aproximação entre Igreja e Estado, na busca de consolidação de espaço para a Instituição na nova Capital Federal. O sonho de cidade estava se tornando realidade e a Igreja via a necessidade de participar desse processo.

Dom Fernando torna-se a figura central no projeto da Igreja em Brasília, revelando sua incumbência no discurso durante o lançamento de livro *Sem Violência e Sem Medo*:

...vinha para Goiânia para acompanhar a construção de Brasília, e que Brasília, naqueles primeiros dias em que estavam cavando os alicerces, já estava sendo cobiçada por diversas outras religiões...Não basta fundar uma cidade e orná-la com o título de capital, não basta construir edifícios e instalar neles a máquina administrativa. É preciso criar condições favoráveis à ação governamental... (BORGES, 2007, p.60).

E esta ação deveria estar diretamente conectada a aceitação da população. Então Dom Fernando conduziu uma campanha em favor do batismo da Capital Federal, mobilizando a população para a chegada da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, figura que atava o Brasil à Portugal e lembrava de nosso passado colonial, mas lembrava também que Portugal trouxe para estas terras o catolicismo.

Esta Imagem foi doada pela revista portuguesa Portugal-Brasil e era considerada a maior estátua de Nossa Senhora de Fátima existente no mundo.

Um dos pioneiros da idéia da mudança da Capital do Brasil para o Planalto Central foi Hipólito José da Costa, redator do “Correio Brasiliense”, “ainda nos pímórdios da Independência, bateu-se no seu jornal para que a Capital do novo Imperio fosse localizada precisamente em Goiás, na região de Formosa, próximo do futuro retângulo traçado pelo Engenheiro Luis Cruls, nos primeiros tempos da República”²⁸.

Portanto a mudança da Capital do País era uma velha idéia política, incrustada através de gerações.

A primeira Constituição de 1891, a primeira da República, indica expressamente o Planalto Central, como o local da futura capital, nele mandando demarcar, para este fim, uma área de 14.400Km².²⁹

A Praça dos Três Poderes em Brasília tinha em cada ângulo uma das casas, ficando as do governo e do Supremo Tribunal na base. A catedral,

*ficou igualmente localizada nessa esplanada, mas numa praça autônoma disposta lateralmente, não só por questão de protocolo, uma vez que a Igreja é separada do Estado, como por questão de escala, tendo se em vista valorizar o monumento e, ainda, principalmente por outra razão de ordem arquitetônica: a perspectiva de conjunto da esplanada deve prosseguir desimpedida até além da plataforma, onde os dois eixos urbanísticos se cruzam*³⁰.

A missa campal para a Bênção de Brasília teve a presença de sua Eminência Cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, legado Pontifício. A “saudação foi dirigida ao povo brasileiro por sua santidade o Papa João XXIII diretamente de

²⁸ Doc. A Nova Capital do Brasil - Câmara dos Deputados – vol. III – Rio de Janeiro, 1956, p.3.

²⁹ Maria Magdalena Vieira Pinto - Doc. Nova Capital do País - pag. 5 – 1960.

³⁰ Relatório do Plano Piloto de Brasília – Lucia Costa – DETUR –DF – Departamento de Turismo do Distrito Federal – Anexo do Palácio Buriti – 3º Pavimento – Brasília DF.

Roma, através da Rádio do Vaticano, seguido de hasteamento de bandeira, alvorada...” Solenidade de instalação da Arquidiocese de Brasília por Sua Excelência Monsenhor Armando Lombardi, Núcio Apostólico no Brasil e posse Arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida Baptista.³¹

Na Catedral, evitei as soluções usuais das velhas catedrais escuras, lembrando o pecado. E ao contrário, fiz escura a galeria de acesso à nave e esta, toda iluminada, colorida, voltada com seus belos vitrais transparentes para os espaços infinitos³².

Os alicerces conceituais passados às comunidades ali iniciados devem ser cuidadosos, para não se tornar apenas ideologia e determinar posições propagandistas.

*...Aquela pedra sou eu,
No meio dos ventos e das ondas.
Vendo os homens passarem...
Que seria da cidade dos homens
Da tua própria Igreja
De todos, de tudo,
Sem Ti
Que és a Pedra?
(Só Isso – Agosto de 1954)³³*

Percebe-se que Dom Fernando se questiona enquanto liderança da Igreja, e talvez, se sentindo impotente diante de tantos fatos e transformações violentas a toda

³¹ Doc. Missa Campal – Brasília 21 de Abril de 1960, pag. 291.

³² Relatório do Plano Pílo de Brasília – Lucia Costa – DETUR –DF – Departamento de Turismo do Distrito Federal – Anexo do Palácio Buriti – 3º Pavimento – Brasília DF.

³³ Fragmento do poema “Só Isso” pag. 113 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

sociedade, sem que pudesse se manifestar, amparando os sofridos, desolados e excluídos, ele tenha se questionando enquanto porto seguro.

Dom Fernando participava ativamente dos grandes acontecimentos em Brasília. Criou em 16 de julho de 1957 a Paróquia de São João Bosco, na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante) e a 17 de Agosto, a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Oficiou a Missa solene de inauguração do Palácio da Alvorada, quando afirmou que aquele ato significava uma pré-inauguração de Brasília.³⁴

2.7 – A Educação: “...a esperança, jamais enganará...”

Em Goiânia, no ano 1962, o secretário de Educação era o Pe. Rui Rodrigues, que, com a iniciativa do Arcebispo e a ajuda do prefeito Helio Seixo de Brito, deu início ao ano letivo das ESCOLAS RADIOFÔNICAS para Educação de base. Patrocinados pelo Sistema Educacional Tele-radiofônico de Goiás (SETERGO), o programa era transmitido através da Rádio Difusora de Goiânia.

Esta causa despertava entusiasmo, mas exigia a compreensão e cooperação de todos, especialmente dos responsáveis pela solução do problema básico que era a erradicação do analfabetismo. Eram aulas de geografia, moral, urbanidade, agricultura, alfabetização, aritmética e assuntos do lar; as lições eram combinadas com programas musicais e rádio-novela, com dramas sobre temas atuais.

Eram histórias contadas e através das quais as pessoas criavam suas identidades. Assim buscamos fazer como historiadores, que através de fragmentos, de cacos, procuramos ter uma visão daquilo que se perdeu, e através da verdade, buscamos recontar essa história.

³⁴ CF. Vasconcelos Adirson – A Construção de Brasília – 1º vol. 1992 – pag 345.

A atividade do professor selecionado pela Arquidiocese requeria uma combinação de conhecimentos científicos e acadêmicos de base na sua especialidade com conhecimentos de ordem educacional. Requer também o desenvolvimento da capacidade de análise e de concepção, realização e avaliação de soluções de ordem prática.

Permanecia, ainda, o desafio de uma adaptada evangelização e educação na fé, através da catequese e da liturgia, a consolidação de uma unidade e de uma ação pastoral através de estruturas visíveis, adaptadas às novas situações.

A rede educativa estava composta de mais de 250 escolas situadas na capital e no interior do estado. As aulas eram difundidas através da Radio. Cada Escola tinha receptores cativos e um líder ou monitor que complementa as emissões dando explicações aos alunos, sem medo de partilhar publicamente suas fragilidades.

Esta rede, não fosse o anacronismo temporal, deveria se inspirar nas redes dos historiadores culturais, onde “o único segredo, a única sabedoria é sermos verdadeiros...”³⁵

Este trabalho radiofônico espalhará-se pela América Central. E foi exemplo o Trabalho Cultural das Emissoras Católicas na América Central, e são promovidos encontros de intercâmbio entre os países.

Dom Fernando viajou para Natal, e lá apresentou suas experiências e planos de ação, especialmente em relação ao funcionamento dos grandes empreendimentos em curso na capital goiana: a licença eleitoral pela educação de base pelas Escolas Radiofônicas. Sua iniciativa foi exaltada na Câmara.³⁶

A consciência da necessidade de transformação levou a Igreja a assumir três grandes setores para serem trabalhados pastoralmente: a promoção do homem e dos povos do continente para os valores da justiça e paz; a educação; o amor conjugal, frente às profundas mutações da vida e dos valores.

O progresso e o crescimento desordenado das cidades trazem consigo o equívoco em interpretações mal elaboradas das comunidades sociais. E este equívoco pôde ser mediado através da ação de Dom Fernando. Ele mostrava que o pecado não é o progresso, ao contrário, é a forma errada de usar o emprego do conhecimento.

³⁵ Cf. Artigo extraído do vertical nº 781,782 e 783 de março de 2005 – A opinião de Mía Couto – Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM (Os Sete Sapatos Sujos)

³⁶ Cf. Jornal Brasil Central - 1962

Neste contexto, a Igreja procurou, sobretudo, o cumprimento de sua missão, que lhe exigia assumir a realidade e trabalhar por mais justiça e fraternidade entre os homens. Isso atraía a juventude.

Certa vez Dom Fernando expressou seus sentimentos sobre os jovens estudantes dizendo *“algo de novo e grandioso junta-se as explosões próprias da idade. São anseios legítimos, por vezes sufocados pela insensibilidade de outros”*³⁷.

Sua confiança na juventude era inconfundível, enquanto muitos temem a juventude pela inexperiência e pressa, Dom Fernando agia acreditando que era essa pressa e ingenuidade que levava o jovem a agir de forma a demonstrar claramente seus objetivos, mesmo que estes, para alguns, venham carregados de sonhos e ilusões.

Para mantê-los por perto, Dom Fernando proporcionava encontros, realizados no CTL - Centro de Treinamento de Líderes (hoje CPDF - Centro Pastoral Dom Fernando), onde estes jovens eram orientados a uma vida cristã e em comunhão, adequando seus conhecimentos.

Dom Fernando reunia-se com todos os diretores de colégios particulares, especialmente católicos da capital e interior. Visitava também deputados e governador, e fez um apelo de paz. No cumprimento de sua missão de bispo da Igreja, Dom Fernando fez um apelo aos deputados no sentido do restabelecimento de um clima de serenidade e de pacificação dos espíritos onde todos possam livremente expor suas idéias, tendo sempre presente a dignidade da pessoa humana.

Com esse amplo campo de ação, Dom Fernando foi empossado pelo Presidente Jânio Quadros como integrante do grupo de trabalho que tem a seu encargo o estudo e a execução do Plano de Reforma Agrária. Ele deveria apresentar ao governo uma fórmula humana e cristã de se por em prática a Reforma Agrária no País.

2.8- A reforma Agrária: “...É que ela está vindo sem se anunciar...”

³⁷ Doc. 3 Como Interpretar as Manifestações Estudantis – p.2 – Situação Atual da Juventude. Cx 2 – IPEHBC.

Em 1962, tanto o professor Hélio de Brito, quanto o governador Mauro Borges enfrentaram problemas relacionados com a situação agrária brasileira.

Reforma agrária é o termo empregado para designar o conjunto de medidas jurídico-econômicas que visam à desconcentração da propriedade privada de terras cultiváveis, tornado-as produtivas. Sua implantação tem como resultados o aumento da produção agrícola, a ampliação do mercado interno de um país e a melhoria do nível de vida das populações rurais. A concentração de terras em mãos de poucos fazendeiros é um sistema de propriedade rural, que se denomina latifúndio e tem sido o maior entrave à justiça social no campo.

Esta reflexão sobre a reforma Agrária pode partir também especificamente da Igreja, sendo assim, ela acontecerá com vários formatos, regionais, nacionais, locais e universais, e cada um com especificidades particulares.

Conforme Wolmir Amado, a Igreja defendia a reforma agrária para evitar o êxodo rural e promover o progresso, sendo assim ela protegeria o homem do campo. *“Era da terra que vinha a riqueza (matéria-prima) e, devido a isso a reforma agrária era considerada a grande “alavanca de desenvolvimento”.* (AMADO, 1996, p.19).

Temos no Brasil uma estrutura agrária em que convivem extensos latifúndios improdutivos, grandes monoculturas de exportação e milhões de trabalhadores rurais sem terra.

Havia regiões no país, nas quais os processos de irrigação, fertilização e recuperação do solo são desconhecidos, o analfabetismo prevalece e quase inexistem escolas técnico-agrícolas. A posse não garante a propriedade, veda ao trabalhador rural o acesso a terra e propicia a formação de uma casta de latifundiários que se apossa das áreas rurais brasileiras.

Na base da pirâmide social brasileira, há uma vasta classe de despossuídos, e a estes foi relegada a mais extrema miséria e tiveram suas reivindicações reprimidas com violência. Portanto, a concentração da propriedade rural no Brasil dá origem a uma vasta camada de trabalhadores sem terra, o que evidencia um dilema da política fundiária porque o modelo de reforma agrária do país pode fracassar.

O Arcebispo de Goiânia constatava que, quando a lógica da razão é insuficiente, os homens usam a lógica da força. E por isso reconheceu: ...É fácil recordar princípios certos e imutáveis, mas é difícil aplicá-los com isenção de ânimo, quando estão em jogo os nossos interesses e as nossas posições (AMADO, 1996, p.29).

São criados assentamentos minifundiários e possuem pouca chance de sobrevivência, já que caminham na contramão da História legitimando o modelo capitalista de individualização da propriedade privada.

Sem competitividade no mercado nem estrutura para engrenar a produção, os pequenos assentados agricultores que ganham suas terras depois de tanta luta social estão destinados ao fracasso e ao retorno da fila da exclusão. Com isso, formam o imaginário social do povo brasileiro com preconceitos.

O governo, a serviço dos grandes monopólios do capital, e representantes da indústria agrícola, continua acreditando que este modelo de reforma agrária seja o ideal, pois não compromete questionarmos a existência da propriedade privada.

A reforma agrária brasileira, cujo modelo atual funciona há alguns anos, tem sido usada em grande parte, para mandar de volta para o campo os desempregados urbanos e excluídos da atividade rural.

Em 1959, foi criada uma experiência de Reforma Agrária com uma equipe de técnicos, fazendo a distribuição de 50 famílias das terras da Fazenda Conceição, em Corumbá de Goiás.

Encontram-se entre os assentados, pessoas com várias profissões urbanas, como alfaiate, professores, militares, encanadores, bancários, caminhoneiros, entre outros, que muitas vezes não possuem intimidade com a terra e não lhes é oferecida nenhuma formação para que possam estar aprendendo novas formas de manejo com a terra.

Outra situação que observamos pela experiência de nossos colegas sacerdotes, junto aos assentamentos de reforma agrária trata-se de que, a maioria dos assentados possui mais de 40 anos de idade, ultrapassando o limite que costuma ser

considerado um marco da exclusão do emprego braçal, principalmente nas grandes cidades.

Grande parte dos assentados já foram anteriormente arrendatários, donos, meeiros ou parceiros na exploração da atividade agropecuária.

Apenas 1/5 dos que recebem terra conseguiam gerar renda suficiente para se manter no campo junto com sua família. Alguns abandonam a terra num período máximo de dez anos. O fenômeno do esvaziamento populacional no campo é absolutamente natural e faz parte da história da maioria dos países desenvolvidos desse século.

2.9- Teologia da Libertação: *“Desnudo, liberto, tomei consciência de ser alguém...”*

A cristandade é uma forma determinada de relação entre a Igreja e a sociedade civil, relação cuja mediação fundamental é o Estado. Em regime de cristandade, a Igreja procura assegurar a sua presença e expandir seu poder na sociedade civil, utilizando antes de tudo a mediação do Estado (RICHARD, 1984).

A crise da cristandade na América Latina e, especialmente, a crise da nova cristandade, iniciando nos anos 60, implica a análise da crise da relação Igreja-Estado-sociedade civil. Entrou-se num processo de crise estrutural da formação social latino-americana.

A cristandade das Índias Ocidentais é a primeira formação periférica e depende da Europa moderna, antes da África e da Ásia. Por ser dependente e periférica, nossa cristandade colonial dirimiou sua identidade cristã e sua identidade social na alternativa “opressão – libertação”. Nesse sentido, a atual “Teologia da Libertação” é tão antiga quanto a América colonizada:

A teologia da libertação é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora. (MONDIN, 1980, p.25)

O termo libertação foi trabalhado a partir da realidade cultural, social, econômica e política sob a qual se encontrava a América Latina, a partir das décadas de 60/70 do século XX. Como afirma Batista Mondin:

O ambiente político é geralmente caracterizado pela presença de governos que administram o poder arbitrariamente em vantagem dos ricos e dos poderosos, fazendo amplo uso da força e da violência. (...) O ambiente econômico e social está marcado pela miséria e pela marginalização da maior parte da população. Os recursos econômicos são controlados por um pequeno grupo de privilegiados. (...) No ambiente cultural se verifica ainda uma notável dependência da Europa e dos Estados Unidos. Na ciência como na filosofia, na arte como na literatura, quase nada é concedido à originalidade das populações latino-americanas (1985, p. 26).

E em Goiás, não era diferente. A força política que vem fazendo frente a este Estado está fundada em resquícios do coronelismo. Agora acirrados pelos governos militares.

Neste período, a década de 60, quando os governos militares estão a frente do sistema político, no interior de Goiás, o ambiente político mostra sua arbitrariedade e adestramento da população carente e ávida de recursos. Cabe ao Estado assegurar a paz, a proteção e ajuda, mas neste momento, o que é demonstrado cada vez mais é a injustiça social e os fins superiores do Estado.

Para amenizar os ânimos da população, eram feitas ora ou outra demonstrações de poder, como aconteceu em Pedro Afonso (hoje, no Tocantins), a “libertação dos Jegues”, com animação de música da banda da Escola Naval do Rio de

Janeiro, tendo a presença do prefeito da cidade Sr. Ademar Amorim e do Governador do Estado Dr. Otávio Lage de Siqueira.

“O Ato de Libertação”,³⁸ fora oficialmente pronunciado pelas autoridades presentes, que lhes tiraram os cabrestos.

Mas infelizmente o cabresto retirado era só mesmo dos jegues, porque a população permanecia marginalizada, a viver a submissão imposta pelo regime, mas buscando sua libertação.

A Igreja Católica reconhecia as dificuldades enfrentadas pelos seus fieis. E mesmo consciente da notável dependência política e econômica de nosso país aos domínios Europeus e norte-americanos, sabia também que tanto aqui no Brasil, como em quase toda população Latino Americana, estávamos longe de viver a originalidade das produções literárias e outras produções quaisquer.

Sendo assim, sem poder bater de frente com o regime, algumas Igrejas, aparentemente, aderiram ao sistema. Começaram a agir de forma a acreditar que esta, era uma solução aos diversos desajustes, vividos pela sociedade.

Conforme Leonardo Boff (1986, p.87), a libertação é toda “*ação que visa criar espaço para a liberdade*”. Ser livre é não estar sob o jugo da lei do outro; é poder construir seu próprio caminho.

O processo histórico da América Latina foi dominado por diversas leis e costumes estranhos a ela. A América do Norte, em especial os Estados Unidos, e os países europeus, impuseram aos latino-americanos seus valores, suas políticas, sua cultura. Na verdade, eles apoiavam completamente o regime militar.

Neste sentido, a libertação é para nós, a luta pela liberdade da cultura, dos valores, da economia, da política, frente às diversas opressões advindas de um modelo imperialista que rege a práxis do hemisfério norte em suas relações com o hemisfério sul.

³⁸ Cf. Oliveira. Maria de Fátima – artigo – “A Libertação dos Jegues e a questão identitária” - História Revista jan./jun. 2007 p.8 e 9

A libertação deve ser entendida como superação de um processo de exclusão, já que esta é a consequência direta da relação norte-sul. Milhões de homens e mulheres empobrecem e se deterioram porque ficam à margem (excluídos) do processo econômico e político norteado pelo capitalismo imposto pelos Estados Unidos e Europa.

Sendo assim, cabe à teologia da libertação a tarefa de discursar sobre Deus a partir da ótica de um processo excludente e da realidade concreta dos excluídos. O teólogo da libertação deve ter este duplo olhar: olhar para Deus e olhar para o excluído.

Para que haja elaboração da teologia da libertação é fundamental que se compreenda os fenômenos da opressão e da exclusão:

Libertação é libertação do oprimido. Por isso, a teologia da libertação deve começar por se debruçar sobre as condições reais em que se encontra o oprimido de qualquer ordem que ele seja. (BOFF, 1986, p.40).

Foi necessário aprofundar até no marxismo, pois neste momento, ele passa a ser a filosofia predominante na análise sócio-analítica feita. “*Na teologia da libertação o marxismo nunca é tratado em si mesmo, mas sempre a partir, e em função dos pobres*” (BOFF, id., p.45). Afinal o sentido último da teologia não é Marx, mas Deus.

O teólogo da libertação deve-se deparar com a Bíblia Sagrada. A Bíblia deve fornecer subsídios para que se possa identificar a face de Deus e sua ação libertadora, nos diversos momentos históricos, sob as quais vive o teólogo e seu povo. E assim era a idéia de Dom Fernando.

Ele acreditava em uma nova sociedade, em um crescimento econômico, político e social, e tudo vinculado ao Evangelho e ao Concílio Vaticano II. Há, então, no processo de elaboração da teologia da libertação, uma imbricação necessária entre a análise sócio-analítica da realidade e a Bíblia Sagrada. Esta fornece o sentido teológico da práxis libertadora.

Conforme afirma Leonardo Boff (1986:40) “a religião passa a ser um fator de mobilização e não do freio”. A religião passa a ser fonte de libertação e de esperança para o homem. E desta forma, não se reduz a uma ideologia que mantém o *status quo* social e político.

A teologia da libertação pretende mostrar que Deus encarna-se na história, gera libertação de um povo humilhado, vida e esperança a um povo também crucificado e sem sonhos.

Podemos dizer, metaforicamente, que a teologia da libertação anuncia a “descida” de Deus de sua esfera transcendente e “celeste” e mostra-o como agente dignificador dos humilhados da terra. Deus não é mais um conjunto de doutrinas e especulações, mas é a fonte de toda a luta pela justiça e igualdade. Por isso, Deus se manifesta nas lutas históricas pela justiça, pela inclusão e pela superação de toda opressão vigente na humanidade” (Boff, id., p.45). “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.(Ex 20,2).

Esta é a face de Deus anunciada pela teologia da libertação, Deus que tira o povo da opressão, da servidão.

Na visão de Dom Fernando, a Igreja e os dirigentes do povo humilhado, teriam agora uma tarefa em comum: deveriam manter-se unidos e servir o povo. E em suas homilias, ele afirmou:

A Igreja e as Forças Armadas, no Brasil, devem ser autônomas, mas amigas, sintonizadas e dinâmicas em favor do povo, para a elevação cada vez mais alta da Pátria comum. E de fato o serão, na medida em que ambas cumpram sua destinação histórica e suas vocações específicas” (DUARTE, 1996, p.33).

Esta fala de Dom Fernando acabou por não ser bem compreendida entre parte da população, principalmente na parte onde se diz: “amigas” das Forças Armadas. Muitos chegaram a achar que o Bispo estava se vendendo para “o outro lado”, em detrimento da população.

Conforme relatos dos documentos, muitas vezes Dom Fernando se reunia com o governador e várias outras autoridades ligadas ao regime militar. Mas até onde esta pesquisa consegue chegar, nada consta de que estes encontros sejam para tratar dos mesmos interesses. Ao contrário.

Usando a própria teologia da libertação, Dom Fernando vem mostrar ao povo de Deus, que os homens e as mulheres devem se relacionar como irmãos e irmãs, sem haver exclusão, sem haver opressão ou sem qualquer tipo de violação de nossa dignidade. Lutar pela libertação é valorizar a paternidade de Deus, que se manifesta nas relações justas e fraternas entre os homens. E que ficaram claras para Dom Fernando principalmente após o Concílio Vaticano II.

A Teologia da Libertação reflete uma ação que projeta o ser humano, fazendo-o refletir, com vistas a uma ação transformadora do presente. E estabelece exigência de diálogo, restaurando a auto-estima dos oprimidos. Conforme a historicidade, o pobre percebe que pode ser dono de sua história, e assim, o sonho da igualdade não precisa ser guardado apenas para a outra vida.

Silva Gotay afirma:

A fé constitui o sentido da esperança e compromisso com a justiça e a igualdade para os homens, e com isto o cristão enfrenta a totalidade da vida, e que recebe através da história dessa fé, articulada em acontecimentos do povo hebreu e do povo cristão (GOTAY, 1985, p. 289).

Os teólogos cada vez mais, percebem e encontram elementos bíblicos e culturais em meio aos oprimidos, que vão exigindo a ligação da fé com a vida, e com o compromisso político de construção de um projeto que traga esperança para os que historicamente foram escravizados, marginalizados, explorados e oprimidos pela sociedade.

Não basta reformar, pois as reformas só interessam aos que detém o poder, os meios de produção, as riquezas e assim continuam dominando as massas. As reformas neste caso são uma concessão para poderem permanecer com seus grandes privilégios, enquanto as massas populares são acalmadas através de migalhas.

Entre os teólogos da libertação, há duas correntes: 1º- pacífica, que acredita em mudanças apenas pela revolução pacífica e 2º- que acredita que esta revolução não se fará sem o uso da força, pelo uso das armas. Mas Dom Fernando acreditava que o amor cristão é revolucionário, porque ele exige uma tomada de posição, compromisso concreto com o pobre, com o pequeno marginalizado, com a libertação de todos os que sofrem, sem o uso de armas.

...Mas Deus libertador falou assim:

*“A Esperança jamais enganará,
Bem depressa o perverso terá fim”.*

Vamos unidos – vem ó meu irmão!

Fazer o mundo novo que trará

Justiça-Paz, Amor-Libertação!

(Libertação-junho de 1975) ³⁹

Aqui Dom Fernando parece deixar claro que a esperança supera o medo, basta que o povo tenha antes de tudo, união e respeito pelo próximo. Sempre haverá possibilidade de transformações e crescimentos, desde que prevaleça a paz.

2.10 – Considerações finais: “não sei como foi”

³⁹ Fragmento do poema “Libertação” pag. 122 - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.

Dom Fernando tinha o costume de fazer anotações pessoais, hábito que adquiriu ainda no seminário e que lhe fora muito úteis, ao formular o livro Tombo nas Paróquias em que dirigiu e livros e poemas que escreveu.

Através de suas anotações, homilias, artigos para jornais e revistas, e o próprio Livro Tombo da Catedral Metropolitana de Goiânia - onde eram descritos diariamente os costumes da comunidade goianiense, não apenas católica, mas também fatos acontecidos na sociedade, como aqueles referentes à Maçonaria, ou ao candomblé, que se instalavam na cidade - foram registradas suas intervenções. Tornaram-se documento e memória para pesquisas futuras.

Segundo Lindsay Borges (2007:45), “no final da década de 60, o arcebispo já incorporava em seu discurso a idéia de desenvolvimento integral, derivada da Doutrina Social da Igreja, cujos documentos tinham ampla repercussão na rádio”.

No Brasil, a massa que vai sendo derrotado pela tecnologia, torna-se excluída e acaba transformando assentamentos num processo crescente de favelização rural. Por isso, acredito, que a reforma agrária bem sucedida somente se efetivará com a total eliminação da propriedade privada.

No final dos anos 50 e início dos 60, os debates sobre a Reforma Agrária ampliaram, com a participação popular. As chamadas reformas de base (agrária, urbana, bancária e universitária) eram consideradas essenciais pelo governo, para o desenvolvimento econômico e social do país. Entre todas, foi a reforma agrária que polarizou as atenções. Em 1962, foi criada a Superintendência de Política Agrária - SUPRA, com a atribuição de executar a reforma agrária.

...Eu acho formidável que agora a Igreja esteja descobrindo e dando tanta importância ao homem do campo, e a Igreja esteja ensaiando todo um diálogo apropriado com a criança da zona rural, não porque haja nisso inferioridade, mas porque há uma diferenciação que a gente precisa respeitar...A criança, não digo que amadurece, mas se desenvolve muito mais...é preciso respeitar a sua psicologia, os anseios...nas suas idades...é preciso levar em conta sua adaptação do

subsídio que nós vamos usar como veículo para transmitir a mensagem, que dizer, o tipo de...historias...(Doc. Avulso-1965)⁴⁰.

Com extrema firmeza e convicção ao exercício de seu apostolado, Dom Fernando num corpo solene de patriarca nordestino esteve presente ao lado de suas comunidades, deixando lições importantes para a vida de todos aqueles que acreditaram na poderosa arma que é o Evangelho de Jesus Cristo. A exemplo Deste acreditava nos jovens e nas crianças, como uma esperança para um amanhã melhor. Ele “compreendia como poucos o mundo moderno e as transformações que estavam sendo gestadas”.⁴¹

Seu habito de escrever, fez com que suas idéias não fossem levadas ao vento.

III Capítulo

“TOMEI CONSCIÊNCIA: ...Não é fácil ser torre...”

Os interesses da História Cultural estão nas Artes, na Literatura a Ciência; campos multi diversificados nos quais podem ser observados as imagens que o homem produz de si mesmo, da sociedade em que vive e do mundo que o cerca, as condições sociais de produção e circulação dos objetos.

Pensando nesta multi diversidade é que optamos por analisar ao longo deste estudo trechos dos poemas de Dom Fernando. Porém, neste capítulo, trabalharemos dois poemas completos, um escrito antes de ir para o Concílio Vaticano II e outro, escrito também por Dom Fernando, após o Concílio Vaticano II.

⁴⁰ Doc.Avulso - Do 1º Encontro Vocacional do Regional Centro-oeste 3-7/5/65

⁴¹ Revista da Arquidiocese vol. Especial Dom Fernando vive entre nós –1995.

3.1 - Só Isso! “...A Imagem do poder...que não pode...”

O poema que se segue foi escrito por Dom Fernando antes do Concílio Vaticano II, em Agosto de 1954. Ele foi dividido em estrofes, que manteremos na transcrição; mas para melhor compreensão de nossa leitura do poema, vamos enumerá-las do lado direito:

Só Isso! (1)

Aquela rocha,

Aquele penhasco,

Aquela coisa dura no meio do mar...

Os homens consideram (2)

Símbolo da firmeza

Da segurança,

Da força.

Aquela pedra parece (3)

A imagem do Poder...

Do poder petrificado,

Do poder que não pode...

Pode somente Desafiar os ventos, (4)

Irritar as ondas

Que se deixaram atrair

Pela grandeza da pedra

Ou pela inveja da pedra.

Se aquela pedra vivesse? (5)

*E sentisse
A sua solidão!*

*Aquela pedra sou eu, (6)
No meio dos ventos e das ondas,
Vendo os homens passarem:*

*Aqueles a quem ajudei, (7)
Aqueles por quem sofri,
Os que me deviam ajudar...*

*Todos fogem de mim (8)
Para que eu seja somente
Uma pedra,
No meio do mar...
Só isso!
O Jesus,*

*Tu és como a pedra, (9)
Tu és a Pedra!*

*Na tua solidão, (10)
Sentes também
O martírio de estar só.
Os homens se afastam de ti
Te desprezaram,
Traíram,
Negaram.*

*Mesmo assim (11)
Quisestes salvar-nos
Pela terrível lei do Amor...
Na pobreza,*

*Na renúncia,
Na Esperança...*

Que seria do edifício, (12)

*Da casa,
Do mundo,
Sem a fidelidade da pedra?*

Que seria da cidade dos homens, (13)

*Da tua própria Igreja
De todos, de tudo,
Sem Ti
Que és a Pedra?*

Senhor, (14)

*Que eu te compreenda,
E seja fiel.*

Tira-me tudo, (15)

*Se quiseres.
Mas deixa-me contigo.
Isso me basta,
Só isso!*

Neste poema de Dom Fernando percebemos nas duas primeiras estrofes, a visão que ele tinha de si mesmo enquanto representante de uma Instituição. Naquele momento, ela era caracterizada pela distância das pessoas, dos pobres e dos povos, se posicionando de forma altaneira e firme, mas longe, bem longe daqueles para quem o Evangelho o arremetia. Assim Fernando aprendera e viveu nos tempos de seminário.

Apesar das reformas religiosas vividas pela Igreja, em períodos históricos bem anteriores, os acontecimentos e transformações passados pela sociedade contemporânea fizeram com que a Igreja Católica de certa forma se recolhesse em sua hierarquia. Depois do encerramento do primeiro Concílio no Vaticano, era necessário

retomar o caminho, recomeçar, adotando uma nova linguagem para poder sentir o calor do povo (LUSTOSA, 1991, p.28).

Os transtornos do período tornavam ainda mais urgentes este dever da Igreja, clamando para que os homens vivessem mais estreitamente ligados uns aos outros e alcançassem a plena unidade em Cristo. Era o passado se tingindo de cores contemporâneas, lançando luz sobre o presente.

A partir da terceira estrofe neste poema, Dom Fernando descreve este “poder petrificado” da Igreja, como “um poder que não pode”. As perturbações em todo o mundo eram tamanhas, que apesar desta Igreja perceber as grandes necessidades sofridas pelos seus filhos, ela não via os meios efetivos necessários para tomar providências a favor destes. Isso era muito doloroso, muito sofrido, principalmente para o chefe desta Igreja, que acuado pela situação de separação entre Igreja e Estado, pelas grandes guerras do mundo, faz uma nova convocação entre os bispos para a realização do Concílio Vaticano II.

Na quinta e sexta estrofes, o poema de Dom Fernando aponta para a solidão da “pedra”. Acredito que neste momento, o próprio arcebispo se coloca como a pedra, a ser esbarrado pelas ventanias e tempestades da vida, sem perceber sua importância, principalmente para aqueles que o rodeavam. Isso é percebido ainda na décima quinta estrofe.

A solidão de homem fez com que, por um momento, se manifestasse em sua mente a incapacidade para imaginar o futuro. Sua volta através do passado, pelo Evangelho de Cristo, não permite dúvidas e incertezas. Pelo contrário, renova os instrumentos conceituais, levando cada um a repensar sua relação consigo mesmo e com sua história.

Aproximava de Dom Fernando uma espécie de solidão. Talvez a pior delas, a solidão de ver muitos ao seu lado, mas, sem nada em comum. Talvez porque em sua maioria, eram pessoas vindas de gerações completamente diferentes da dele. Para um homem criado em seminário, nas décadas de 20 e 30, não era fácil. Mas em seu íntimo, ele sentia que esta aparente solidão, Cristo a supriria. Seu dever era ser fiel e acreditar. Somente acreditar.

Portanto, deveria estar pronto, para com paciência e meticulosa habilidade indicar caminhos para uma sociedade em movimento, ou, nos termos da época, em desenvolvimento. Não como um condutor de intrigas a manipular o seu povo, mas como um fio condutor criando espaços de sociabilidades e possibilidades de interpenetração das culturas.

O desenvolvimento era uma característica de Goiás naquela época. Viviam-se dias de expectativa e intranqüilidade nacional pelos últimos acontecimentos políticos que afetaram a vida tranqüila da um população. (Brasil Central, 3/9/61).

Segundo Loyola Teixeira (1994, p. 29) Goiás foi o único Estado que deu a vitória a Lott (coligação PTB) e Jango. Estando o Estado sob o comando de Pedro Ludovico e Mauro Borges, adversários políticos de Jânio (UDN), houve tensão na primeira audiência. Porém, o presidente foi prontamente atencioso com Goiás, disponibilizando especial atenção aos assuntos administrativos do povo goiano.

O governo de Jânio era nacionalista, o que não agradava aos que apoiavam uma política econômica que subjugava os países em desenvolvimento beneficiando os países industrializados do chamado “Primeiro Mundo”. Isso levou seu governo entrar em crise em menos de um ano.

Goiânia era símbolo de modernidade e progresso. Mas para muitos, existia uma falta de autenticidade por parte dos representantes do povo nas esferas governamentais em relação ao tratamento das classes dominantes e as dominadas. Se a sociedade não se unisse para fazer algo rumo ao entendimento num plano superior ao das simples solicitações da vida material, o conflito político iniciado com a transição eleitoral, poderia se tornar devastador nos anos subseqüentes.

Dom Fernando se dá conta de que ser a própria pedra como aparece na nona estrofe pode significar não ficar de braços cruzados, e como pedra, forte, inabalável, ele deveria conduzir seus fiéis rumo ao desenvolvimento que ele sempre acreditou, embora pressentisse dias difíceis, com grandes mudanças pessoais se aproximando. E por isso deveria ser forte o suficiente para conduzir seu rebanho.

Essa sensação é implacável. Mal sabia ele que em menos de três anos estaria assumindo a Arquidiocese de Goiânia, e teria muito trabalho com seu rebanho, pois os lobos, também estarão prontos a atacar.

Uma sociedade que aceita ou tolera condições desumanas para o trabalhador não é mãe, é madrasta. Goiás foi o Estado mais atingido pelo Plano Federal de Economia lançado por João Goulart (Brasil Central, 24\02\63). Este plano restringia substancialmente o auxílio federal dos Estados.

Neste momento da história, os sindicatos cristãos começam a atuar. O trabalho sindical deve mudar as estruturas econômicas e sociais de maneira radical, a fim de que os operários possam desempenhar o papel que lhes corresponde no progresso de seus países.

É a fidelidade da pedra, mostrada na décima segunda estrofe e demais. Aquela pedra firme, representada neste momento não só pelo homem, mas pelo próprio Cristo. Através da sabedoria doada por Ele a todos os seus filhos, há atitudes tomadas a favor deste povo. São os ares de um novo Concílio pairando sobre seu povo.

3.2- O Contexto à época do Concílio em Goiânia: “...talvez seja o pretexto...”

O Governador Mauro Borges, numa teia de debates articulava encontros dos governadores do Centro-Oeste com o Presidente Jânio Quadros. E a Campanha ao Senado de Juscelino Kubitschek começou em Goiás.

O Governo Mauro Borges teve início em 31 de janeiro de 1961. Fora eleito para governador do Estado pela coligação PSD/PTB, com 50,49%. Inicialmente, Mauro Borges não teve dificuldades para governar, pois sua coligação tinha maioria parlamentar.

A oposição ao seu governo iniciou-se a partir do momento em que a ala tradicional do PSD torna pública a insatisfação com a política de modernização exposta no Plano de Desenvolvimento Econômico de Goiás. Mas sua justificativa para a adoção de um governo planejado, devia-se ao fato de procurar romper com a política e com a administração públicas tradicionais em Goiás, fundamentalmente marcadas pelas práticas do personalismo e do clientelismo.

Dessa forma, o governo já iniciou fortificado por um plano de ação, elaborado cuidadosamente e pioneiro entre nós na arte de administrar, procurando a solução para cada problema específico do Estado.

Um aspecto marcante para a compreensão da gestão de Mauro Borges em Goiás foi a importância dada à estruturação de mecanismos e ações orientadas pela idéia do intervencionismo estatal.⁴²

As funções, objetivos e papéis da ação do Estado em Goiás, a partir desse período, ampliaram-se sob a justificativa de que somente com forte intervencionismo estatal seria possível programar uma política orientada para a integração de Goiás ao cenário nacional.

O Plano de Desenvolvimento Econômico de Goiás propunha em relação aos princípios e diretrizes de ação governamental para o mandato de Mauro Borges, entre 1961 e 1964. Consistia num amplo conjunto de princípios norteadores abrangendo diversas áreas: agricultura e pecuária, transportes e comunicação, energia elétrica, educação e cultura, saúde e assistência social e atualização das atividades do Estado.⁴³

⁴² Cf. TEIXEIRA. Maria Dulce Loyola - Mauro Borges: a crise econômico-militar de 1961 em Goiás – Movimento da Legalidade – 1994 – p.37.

⁴³ Cf. TEIXEIRA. Maria Dulce Loyola - Mauro Borges: a crise econômico-militar de 1961 em Goiás – Movimento da Legalidade – 1994 – p.43-44.

Enfim, a função do Estado, no início dos anos sessenta, era a de promover e garantir a integração de Goiás ao eixo dinâmico do capitalismo brasileiro, representado, fundamentalmente, pelo Estado de São Paulo.

O Plano previa também o incentivo ao cooperativismo. Reunidos em cooperativas, os produtores encontrariam soluções técnicas para o aumento da produtividade e isso permitiria maiores ganhos na venda dos produtos, resistindo à concorrência com o grande capital investido no setor agrícola então em expansão em Goiás.

Os contrastes com as administrações anteriores tornaram-se evidentes, pois se promoveu em Goiás a intervenção do Estado e se consolidou um conjunto de órgãos e agências governamentais voltadas para a garantia e promoção do desenvolvimento econômico.

É importante mencionar o fato de que, sobre as bases intervencionistas lançadas no período do Governo Mauro Borges (1961-64), os governos posteriores procuraram administrar o Estado, com variações marcantes na estrutura institucional e burocrática, montadas no início da década de sessenta em Goiás.

Com a posição ativa que o Estado passou a ter nas questões relacionadas ao desenvolvimento, ocorreu a supervalorização do poder Executivo, tornando-o mais visível no imaginário social goiano. Dessa forma, a supremacia do Executivo, em detrimento dos demais poderes repercutiu de forma direta na percepção e avaliação sobre o seu chefe.⁴⁴

Vale destacar o fato de que o Plano de Desenvolvimento Econômico de Goiás só tenha sido posto em ação efetivamente, uma pequena parcela daquilo que se previa inicialmente. A falta de recursos financeiros, principalmente dos repasses dos recursos federais, foi o que impossibilitou a concretização das metas e ações concebidas quando da elaboração do Plano de Governo.

Em Goiânia, o professor Hélio de Brito, Secretário da Educação neste período, recebeu a notícia da morte do papa João XXIII e decretou luto oficial. Prontamente, em março de 1963, o arcebispo Dom Fernando enviou circular as 45

⁴⁴ Cf. Doc. Avulso (20-07-61 1 04-08-61) - A Crise do Momento – Cx 7 – Dom Fernando - IPEHBC

cidades goianas comunicando sua visita a cada Paróquia. A semente do Concílio Vaticano II começava a ser implantada, como era o desejo do líder falecido.

Contudo, no ano seguinte, o presidente foi deposto e falava-se num militar para o governo. Com a aprovação do Ato Institucional, a “Revolução de 1964” deu um toque final na consolidação do novo regime de governo. A parda cassação de mandados e poderes políticos de mais de uma centena de pessoas, entre deputados, governadores, prefeitos, militares e civis. A escolha do novo mandatário supremo do Brasil veio coroar as providências já anteriormente adotadas para garantir a “ordem” do povo brasileiro.

O presidente da República, Marechal Castelo Branco, firmou sua posição frente ao comando revolucionário. Mauro Borges, mesmo não desejando o mandato prorrogado nas próximas eleições, deu todo apoio ao Presidente Castelo Branco.

Em todo o país crescia a indústria automobilística⁴⁵ e com ela o número de empregados. Este fato era usado pelos políticos da época como sendo fruto de um regime que estava se instaurando, e reorganizando o país. E para a Igreja como uma benfeitoria aos irmãos, que ascender enquanto sociedade.

Surge a classe média no país e esta passa a se posicionar ao lado do regime. Para esta nova classe da sociedade, o regime era “um mal necessário”, pois foi através dele que se colocou “ordem” na sociedade. Muitos não percebiam naquele momento as atrocidades cometidas pelo regime, as violências, as pessoas desaparecidas, as torturas. Mesmo porque, a grande maioria nem ficavam sabendo da verdadeira face do militarismo.

Estava sendo preparada a realização em Goiânia da “Marcha da Família com Deus pela liberdade”. Eventos semelhantes já haviam ocorrido por outras capitais do país. Entidades de classe e donas de casas, senhoras que estão a frente da promoção informaram que iriam ao Arcebispo Dom Fernando solicitar-lhe a sua autorização para que a marcha tivesse o pleno consentimento da Arquidiocese.

⁴⁵ Cf. Oliveira. Henrique Altemani de – Política Externa Brasileira 2005 p.78 a 80.

Neste momento, a Igreja dá a impressão de se posicionar ao lado dos militares, acreditando ser esta a melhor opção pela restauração da ordem e promoção da paz (SANTOS, 1982, P.73).

*...Sabemos que as forças armadas no Brasil não desejam uma ditadura militar. Desejam sim, no cumprimento do dever, imposto pela Constituição, resguardar a Pátria dos perigos que a ameaçam. Enquanto contarmos com a segurança do poder armado, não temeremos a invasão das nossas fronteiras. Do contrário, quem poderá nos defender quando ameaçados interna ou externamente, por inimigos que não dormem?*⁴⁶

A sociedade confusa se sente desamparada, pois de um lado estão as Forças Armadas e de outro as paixões de um mundo que caminha para o desenvolvimento social. No meio, este povo pressionado pelas agitações políticas, sem saber também a posição da Igreja.

Bispos, padres e lideranças católicas, foram arrastados pelas agitações do momento, deixando seu povo a mercê de facções em luta, o que contribuiu para essa impressão de que esta Igreja estava se posicionando ao lado dos militares.

Surgem, então, líderes agitadores e oportunistas em todos os seguimentos, até mesmo dentro da própria Igreja. É fácil proferir ou censurar contra a desordem e a anarquia, mas difícil é ter a coragem de ir às verdadeiras causas do desequilíbrio, para extirpá-lo.

Muitos em nome da Igreja Católica usaram e abusaram das encíclicas, do prestígio e tradição da Igreja, até para desrespeitar-la (SANTOS, 1982, p.73). Mas foi como cristão que Dom Fernando agiu neste momento. Coerente com os ensinamentos de Cristo e aparentemente comprometido em vivê-lo, na sua vida particular, familiar, profissional ou pública.

⁴⁶ Cf. Doc. Avulso (20-07-61 1 04-08-61) – Proclamação das Forças Armadas – Cx 7 – Dom Fernando - IPEHBC

Ao lado de suas ovelhas, Dom Fernando visita deputados e governadores fazendo um apelo de paz. (Brasil Central, 10\5\64). Ele se posiciona respeitando a escala de valores e deveres decidida pelo próprio Concílio:

*Deus em primeiro lugar; a oração, a nossa obrigação primeira; a liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, primeira escola da nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão que junto a nós crê e ora; e primeiro convite dirigido ao mundo para que solte a sua língua muda em **oração** feliz e autêntica e sinta a inefável força regeneradora ao cantar conosco os divinos louvores e as **esperanças** humanas, por Cristo Senhor Nosso e no Espírito Santo...aquilo que deve animar e caracterizar a vida da Igreja⁴⁷.*

Deus, liturgia, oração e esperança são as bases que sustentam Dom Fernando no meio da confusão generalizada. Ele procurou se adaptar a várias mudanças, sociais (a exemplo do golpe militar), e dentro da própria Igreja (o Concílio), chegando a dizer que “se converteu com o Vaticano II”.⁴⁸ Isso porque no Concílio, a Igreja assumiu uma posição pastoral e comunitária. Ele teve que mudar muito sua maneira de pastorear.

A Arquidiocese ofereceu um curso intensivo sobre a doutrina social da Igreja destinado a sacerdotes, religiosos e professores leigos dos colégios católicos. O objetivo maior era formarem-se multiplicadores das ações da nova Igreja que surgia.

Em Goiânia, aconteceu nos dias 17,18 e 19 de agosto de 1964, um curso no Centro de Treinamento de Líderes do Regional Centro-Oeste, um curso especialmente destinado à preparação e formação de líderes estudantis cristão. O curso foi reconhecido pelo Secretariado Regional Centro-oeste da CNBB, comparecendo alunos de todos os estabelecimentos de ensino secundário de Goiânia e cidades circunvizinhas.

⁴⁷ Cf. Kloppenburg. Pe. Frei Boaventura, Concílio Vaticano II – vol. III - terceira sessão (set. nov. 1964) Ed. Vozes – Petropolis Rj – 1965 – p.411

⁴⁸ Cf. Revista da Arquidiocese – Ano XXXVI n° 2 – 1995 - p.102

3.3- A Liturgia: “Deus se dá a todos nós.”

Conforme o Concílio Vaticano II, a Igreja celebra em cada semana, no dia de Domingo, a Ressurreição do Senhor, celebrando-a uma vez também, as festas da Páscoa, juntamente com a Paixão. No decorrer do ano, revela todo o Mistério de Cristo, desde a Encarnação e Natividade até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da vinda do Senhor.

Em Goiânia, tudo estava sendo preparado para a celebração da primeira missa em português. A Arquidiocese estava ultimando as providências para a celebração da missa em vernáculo entre as comunidades. (Brasil Central, 9\8\64). Missa em que se estabelece o diálogo entre o Sacerdote e o Povo, para maior participação dos fiéis no Santo Sacrifício. Não se admitem mais que fiquem os fiéis diante do altar como espectadores mudos e inertes.

Quanto a Concelebração da Santa Missa, poderia acontecer na 5ª feira Santa, quando muitos padres estivessem reunidos, e todos deveriam comungar, senão da mesma hóstia, ao menos do mesmo cálice.

O papa Paulo VI publicou sua grande encíclica “Ecclesiam Suam”, em que apresenta à Igreja sua missão específica na terra. A encíclica tem como objetivo mostrar ao mundo o quanto lhe interessa a sociedade humana, quanto deseja a Igreja que entre uma e outra haja aproximação, conhecimento recíproco e amor. A Igreja compreende que a sua adaptação aos tempos é uma necessidade pedagógica.

A primeira parte da encíclica se intitula “A consciência”. Começa com:

cremos que é um dever para a Igreja aprofundar a consciência que ela deve ter de si mesma. Uma recomendação se impõe para isso: um apelo a vigilância, à retidão de pensamento e ação. Só aquele que é plenamente fiel à doutrina de Cristo pode ser eficazmente seu apóstolo, e só o que vive em plenitude de sua vocação cristã poderá

estar imunizado contra o contágio dos erros (apud Brasil Central 23\08\08).

A segunda parte conclui com uma recapitulação do espírito das leis do dever da caridade e do culto para com a Virgem Maria. A terceira diz respeito ao diálogo da Igreja com o mundo. Se propõe ao conhecimento da verdade evangélica, que seria irrecusável para os bem intencionados.

Em 11 de setembro de 1964, os Bispos do Brasil voltaram à Roma para a terceira etapa do Concílio Vaticano II (Brasil Central 18\10\64). Dom Fernando Gomes dos Santos foi calorosamente aplaudido pelos padres conciliares no Congresso geral do Concílio Ecumênico que discutiu a possível prorrogação do Concílio:

...tomou a palavra, em nome de 112 preladados brasileiros, expressando seu ponto de vista aplaudido pelos seus demais...Dom Fernando Gomes dos Santos ressaltou a necessidade de se evitar a pressa na solução de problemas de alta relevância que ainda não foram solucionados pelo Vaticano II.

Dom Fernando, homem de uma grande liberdade interior, exteriorizando não ter medo de defender as próprias convicções, liderou o grupo dos brasileiros no Vaticano II, o grupo da pobreza ou “Igreja servidora e pobre”. Ali denunciou a grande divisão entre a Igreja e os pobres, pedindo ao concílio uma solução.

Conforme a CNBB é difícil fixar impressões sobre as tendências, as perspectivas e os rumos da Igreja particular de Goiânia. Seu compromisso era o de defender a “doutrina social da Igreja, que defende a reta distribuição das riquezas, a participação no trabalho e a luta pela vida.”⁴⁹ A unidade entre a Igreja se via abalada diante do novo governo.

Vem a tona um documento: a “Declaração da CNBB” sobre a situação nacional. Este documento começa com um hino de agradecimento aos militares que

⁴⁹ Cf.. Revista da Arquidiocese – Ano XXXVI nº 2 – 1995 - p.106

“salvaram a Pátria”,⁵⁰ embora tivessem cometidos abusos nos métodos empregados pelos golpistas. Mas havia também grupos conscientes dos perigos e das ameaças deste governo autoritário e antidemocrático.

Campanhas em favor do bem comum, com apoio de Dom Fernando (CFBS -Campanha De Fé e do Bem Social)⁵¹, são anunciadas. Procurado por fiéis preocupados com o surgimento da maçonaria e dos candomblés, Dom Fernando percebe a necessidade de sacerdotes, na capital. São promovidos retiro do Clero goiano em prol de um mundo melhor. É lançada a pedra fundamental da casa de formação em Silvânia, para que novos pastores fossem formados.

No Rio de Janeiro, o movimento familiar cristão conta com a presença dos vigários das paróquias, esse movimento se estende por outras capitais e em Goiânia é coordenado pelo bispo auxiliar Dom Antonio Ribeiro, que o leva pelas cidades circunvizinhas.

Entre outras coisas propostas no concílio, há quem pleiteie que em terras de missão, mesmo em missas não cantadas, incenso e aspensão ao povo⁵². Talvez se autorize em casos específicos e especiais, sem prejuízo para a fé, a comunhão sob as duas espécies.

Quanto ao esquema litúrgico, a CNBB deu um passo importante como o Plano de Emergência e a Constituição dos Secretariados Regionais. Sobre a Arte Sacra, diz textualmente que a Igreja não tem nenhum estilo próprio, mas adapta-se ao tempo em que vive, utiliza o material disponível, vive e sacraliza a arte de cada hora.

Tudo se interpreta, inclusive o silêncio. E interpretar é explicar, esclarecer, dar o significado do vocabulário, atitude ou gesto; reproduzir por outras palavras um pensamento exteriorizado, extrair, da frase, sentença ou norma, tudo que na mesma contém. Claro que, em quaisquer países, fica a juízo dos bispos a admissão ao lado do órgão, que é o instrumento litúrgico por excelência, de outros instrumentos musicais que se adaptem à liturgia.

⁵⁰ Cf. Lustosa. Oscar F. A Igreja Católica no Brasil Republicano – 1991 E. Paulinas p. 74

⁵¹ Cf. Livro Tombo Catedral Metropolitana de Goiânia 1964 (poucos dados foram encontrados sobre a atuação desta Campanha, talvez por se tratar de período em plena ditadura militar, onde lacunas enormes são encontradas nos registros arquiocesanos)

⁵² Cf. Livro Tombo Catedral Metropolitana de Goiânia.

As cerimônias deverão resplandecer com nobreza e simplicidade, sendo transparentes por sua brevidade, além de evitar as repetições inúteis. Deve ainda atingir a compreensão dos fiéis.

A Liturgia é o cume para o qual se projeta a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de energia para seus fiéis, fazendo com que os trabalhos apostólicos se ordenem também a isso: que todos, unidos pela fé e pelo Batismo, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do sacrifício e comam a Ceia do Senhor.

A própria Liturgia, por seu turno, impulsiona os fiéis que, saciados dos sacramentos pascais, sejam objetivos na subjetividade Divina e conservem em suas vidas o que receberam pela fé: a renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia.

Da Liturgia, portanto, com a Eucaristia, grande fonte revitalizadora do cristão, se deriva a graça para nós e com a maior eficácia é obtida a santificação em Cristo. Embora, a vida espiritual não fique restringida à participação na sagrada Liturgia.

A formação litúrgica é extremamente importante para que os pastores de almas se sintam profundamente imbuídos de seu espírito e da sua força, para a formação do clero.

Na celebração das missas, recebe máxima importância a leitura da Sagrada Escritura. Pois dela são lidas as lições e explicadas na homilia e cantam-se os salmos. É dela também que os atos e sinais tomam a sua significação.

Portanto, todas as vezes que as cerimônias, de acordo com sua própria natureza, admitem uma celebração comunitária, com assistência e participação ativa dos fiéis, seja esclarecido que, na medida do possível, ela deve ser preferida à celebração individual ou quase privada. Isso vale, principalmente, para a celebração da Missa e a administração dos sacramentos, naturalmente salvaguardada a natureza pública e social de cada Missa.

Essa espiritualidade litúrgica está transpirando nos versos do poema.

3.4 – A segurança “Ouve, Senhor, por ele, a minha prece...”

Alguns anos após o Concílio Vaticano II, Dom Fernando, supostamente sentado em sua cadeira de balanço, sentindo a fumaça de seu cigarro sair do cinzeiro suspenso de cor amarela, sempre instalado ao seu lado direito, pôde voltar os olhos sobre o passado, sobre sua trajetória eclesiástica, sobre sua memória. Ali escreveu mais um poema. Desta vez, mais seguro de sua vida e repleto de confiança, tomou consciência de ser alguém. Escreveu em setembro de 1972 a seguinte poesia:

Poema da Morte

Tudo foi tão rápido! (1)

De repente,

O espaço sumiu,

O tempo acabou.

- Não sei como foi.

Entrei com a vida

No Infinito.

- Não sei como foi.

O corpo sumiu, (2)

Para onde não sei.

- Desnudo, liberto,

tomei consciência

de ser alguém.

Por isso, talvez,

Senti-me tão bem!

Julguei ser seguro

*Como se todos e tudo,
Os homens, o mundo,
Estivessem comigo
No Infinito.*

- Descrever não se pode. (3)

Não há frio, nem calor...

Nada se sente,

É diferente!

A gente não ouve,

Não sofre, não geme

Não tem fome, nem sede,

Não come, não bebe.

Sem tato, sem dor, (4)

Sem cheiro, sem gosto,

Sem grito, sem choro,

Sem nada que impeça

A liberdade na glória

Dos filhos de Deus.

- O infinito consiste

Em ver e amar.

Basta ver, intuir, (5)

Conhecer sem cessar,

Por amor, para amar,

- Amar é morrer

Sem se acabar.

Morrer é amar.

Só isso, mais nada!

Libertação total (6)

Da inveja e do ódio,

Do ciúme e do medo.

- No infinito não há

Aventura ou calúnia,

Conivência, omissão,

Injustiça, opressão.

Morrer é tão bom!

- Tudo isso foi sonho?

Será profecia?

Ficou na lembrança...

- Um sonho, talvez,

Que me trouxe alegria,

Me alimenta a esperança!

- Quem me dera morrer (7)

De repente,

Sem dar trabalho,

Mas trabalhando

Na missão,

Como agente

Da Redenção.

- Morrer é tão bom!

Pra ver sem sombra, sem véu,

A face de Deus,

Na Casa do Pai

Que mora no céu!

Dom Fernando inicia esse poema mostrando como é breve a vida, um tema clássico. O tempo passa rápido. É necessário estar pronto, pois de repente, tudo pode sumir, como a areia entre os dedos, onde a força ou a habilidade, já não querem dizer nada. Tudo acaba sem nos darmos conta, se não estivermos preparados.

Mas esta surpresa não está para o cristão com a certeza de entrar no infinito. Para isso é preciso acreditar. E antes de acreditar na morte, é necessário acreditar em uma vida nova. Vida que só será melhor a partir de sua construção a cada dia.

Portanto, morte pode ser vida, renascer para um novo dia, para novos lugares, elaborados por nós mesmos, ou não. A partir de novas leituras, e de nossas construções, de teias articuladas, mas, sobretudo, em lugares dotados de carga simbólica que os diferenciam e identificam como parte da memória, ou seja, de um tempo já escoado.

Para Dom Fernando, essa é uma morte que não dá medo, pois na verdade ela está aberta para a vida. Ela é o próprio Concílio Vaticano II, que veio para libertar, para dar segurança, para restabelecer a Igreja que estava tão necessitada de uma vida comunitária renovada, o que advém de sua própria hierarquia. E, agora, este Concílio trouxe para a Igreja, caída, e por anos, desacreditada, a segurança de uma Igreja-Mãe. Acolhedora, sábia, mas também disciplinadora.

Uma Igreja na qual, os cristãos pudessem agarrar-se, confiando, instruindo, repassando as palavras de esperança. Os cristãos a necessitam e buscam nas celebrações, na liturgia, na ação no mundo.

É essa tomada de consciência, como se mostra na segunda estrofe, que leva a optar pelo irmão, e, por isso, sentir-se tão bem. Era assim que Dom Fernando provavelmente se sentia agindo a favor dos perseguidos. Totalmente livre e, conseqüentemente, seguro. Seguro do amor de Deus, e certo de que estava no caminho correto. Pois foi livre em sua opção, na “opção preferencial pelos pobres”. Opção pela modernidade, pelos jovens goianos.

Essa certeza de estar nos braços do Pai trouxe a Dom Fernando a confiança e o destemor, mesmo quando era necessário bater de frente com coronéis, prefeitos, governadores, ou quem quer que fosse. Sobre isso, escreveu Batista Custódio, no Diário da Manhã, um artigo que dizia:

Certa vez, dom Fernando telefonou reclamando de um inominável desmando da polícia a Ary Valadão, que também era brabão e respondeu de sopetão que aquele Governo era de macho. O arcebispo trucou: “Eu acho que macho, o boi e o cavalo também são. Eu quero é saber se aí nesse palácio tem homem, isso sim”. Esse diálogo tratando o governador mal foi devido à polícia ter invadido a Catedral.⁵³

Neste episódio de invasão da Catedral, no ano de 1968, Dom Fernando, o velho paraibano, mostrou a que veio, e soube acolher seus filhos. A polícia metralhou estudantes na porta da Catedral, e o sangue de um deles manchou a nave da Igreja, embora não tenha sido ferido mortalmente.⁵⁴

Indignado com o fato, Dom Fernando enviou um telegrama ao Presidente da República, General Costa e Silva; que dizia o seguinte:

Cumpro grave dever comunicar Vossa Excelência dolorosos sangrentos acontecimentos ocorridos hoje na Catedral desta cidade. Enquanto

⁵³ Cf. Revista da Arquidiocese – Ano XXXVI nº 2 – 1995 – Goiânia – Go - p.91

⁵⁴ Cf. Revista da Arquidiocese – Ano XXXVI nº 2 – 1995 – Goiânia – Go - p.87

Arcebispo, Bispo Auxiliar e Alguns Sacerdotes procuravam conter estudantes inclusive encerramento manifestações num clima de ordem e dignidade, elemento conforme estou informando, pertencente quadros Polícia Civil, sob poderoso ostensivo aparato bélico circundando toda Igreja, agrediu a tiros ferindo dois estudantes que tingiram com seu sangue nave central nossa Catedral. Com veemente protesto contra incríveis injustificáveis violências, espero Vossa Excelência tome providências julgar oportunas sentido (sic) por termo (sic) sacrílega arrogância. Confio Vossa Excelência como última esperança humana nos possa socorrer. Respeitosas atenciosas saudações.⁵⁵

A repressão foi um instrumento usado para garantir a ordem, e segundo Terezinha Duarte (1996, p.49-50), foi a única voz a criticar o regime e sua política de desenvolvimento, foi a instituição eclesial. Embora, “a Igreja e o regime se identificam na abordagem do desenvolvimento e da necessidade de uma melhoria social”.

Como vemos, a Igreja de Dom Fernando não conhecia marasmos, e seu dinamismo até assustava, nesta época de mudanças. Nada impedia “*a liberdade na glória*”, como demonstra a quarta estrofe, pois o amor pelo irmão era infinito, pois ele era a sua escolha.

E esse era seu papel, ser pastor de seu rebanho. Como bispo, deveria cumprir com as decisões do Concílio Vaticano II, onde dizia que era função e dever do Bispo, ser tudo como o sumo sacerdote de sua congregação, do qual, de algum modo, depende a vida de seus fiéis.

Por isso é de suma importância que todos, particularmente na Catedral Metropolitana, dêem máxima importância a vida litúrgica da diocese em redor do Bispo. Acreditando que a principal manifestação desta Igreja se realiza na plena e ativa participação de todo o povo, presididos pelo Bispo, juntos na mesma Eucaristia, a um só altar.

⁵⁵ Cf. Duarte. Terezinha M. – Se As Paredes da Catedral Falassem: A Arquidiocese de Goiânia e o Regime Militar 1968-1985 p. 52.

E nos lugares onde os Bispos não podem estar pessoalmente à frente do seu rebanho, todos, devem organizar comunidades de fiéis. Entre elas sobressaem às paróquias, confiadas a um pastor local, que as governe, fazendo às vezes do bispo: pois de algum modo eles representam a Igreja visível estabelecida por toda a terra.

Por isso a vida litúrgica da paróquia e sua relação para com o Bispo deverão ser favorecidas pelos fiéis e por todo o clero. Assim florescerá o espírito de comunidade paroquial.

Um pouco mais a frente no poema, na estrofe de número seis, temos uma passagem de diz: “não há aventura...convivência, opressão...”. Esta era a imagem de Dom Fernando, onde o dinamismo frente aos desafios chamava a atenção de muitos que passavam pelo seu caminho. Não recuar jamais era seu lema, e diante dos jovens nas reuniões mensais no CTL (Centro de Treinamento de Líderes), ou mesmo no chamado TLC (Treinamento de Lideranças Cristãs), esta juventude ficava cada vez mais encorajada em levar a diante sua paixão por Cristo.

Chegavam até mesmo a pensar em transformação radical do mundo, em renovação total. Era como uma chama acesa que precisava ser mantida. O jovem tinha a impressão de que tudo era grande demais, o amor, a fé era grande, e por isso era de extrema importância a orientação do bispo, para que essa chama não se apagasse.

Uma das mudanças implantadas por Dom Fernando, a exemplo dos estudos feitos no Concílio Vaticano II, foi a renovação litúrgica criando uma comissão em cada paróquia para promover as mudanças necessárias.

Em Goiás, várias dioceses constituam uma só Comissão, que, de comum acordo, promoviam o apostolado litúrgico. Além da Comissão de Liturgia Sacra, constituíam-se em cada diocese, enquanto possível, Comissões de Música Sacra e de Arte Sacra. Segundo o Concílio seria necessário que essas três Comissões trabalhem em estreita colaboração, e até mesmo que possam se unir em uma só Comissão.

Na última estrofe, Dom Fernando mais uma vez dá exemplo de ser um servo de Deus, dizendo: “...*quem me dera morrer...trabalhando na missão*”. Este é o grande desejo daqueles que se fizeram pequenos diante dos irmãos, morrerem na missão.

3.5- O aggiornamento no episcopado de Dom Fernando: “como tocha iluminando”

Segundo Dom Aloísio Lorscheider (1998, p.40), *aggiornamento* é ir ao encontro, escutar, abrir-se as exigências do mundo moderno, percebendo as profundas mudanças de estruturas, inserindo-se nele para ajudá-lo. Mas respeitando sua autonomia num espírito de doação.

Assim foi o episcopado de Dom Fernando, fundindo os mistérios da Igreja, a sua historicidade; caracterizando a necessidade de prestar atenção aos sinais dos tempos a partir de uma abertura crítica ao mundo em que vivia; A base seria o suporte do Evangelho.

Dom Fernando queria oferecer aos seus fiéis o testemunho de uma convicção na Fé, oferecendo uma oportunidade para entender concretamente o Evangelho e anunciá-lo no mundo atual. Ele acreditava no diálogo entre Deus e o ser humano: “*Deus vem falar conosco*”.⁵⁶

Aggiornamento e diálogo se completam. Portanto, a revelação do Evangelho ao longo do episcopado de D. Fernando não foi estática. Pelo contrário, o dinamismo era a mola mestra que movia o arcebispo, o que se projetava às comunidades. Ele buscou fazer com que a sua linguagem fosse ao encontro da linguagem do povo.

No interior ou na capital, Dom Fernando achava sempre uma maneira de ficar próximo daqueles, que na sua visão, eram seus próprios filhos. Procurava sempre renovar o diálogo estabelecido, para que ninguém ficasse excluído.

Utilizou dos próprios poemas para atingir a todos em sua sensibilidade. Quando o poema parecia muito longo, dificultando a mensagem, Dom Fernando buscou

⁵⁶ Cf. Memória do Concílio Vaticano II – 40 anos depois -1998 – Dom Aloísio Lorscheider

a precisão dos Hai-Kais, poemets quase que só de estrofes isoladas, mas muito bem elaborados. Vejamos alguns exemplos, escritos provavelmente na década de 80⁵⁷:

Retrocesso

Sem paz, sem justiça.

Prostituição do poder...

- Progresso às avessas!

Delação

Eu não disse nada.

Disseram que eu tinha dito...

- Quem é subversivo?

Inflação

A renda do mês

Só dá mesmo pra aumentar

A fome dos filhos...

Latifundiário

Expulso da terra

Famílias em desespero

⁵⁷ Cf. Revista da Arquidiocese Ano XXXVI n° 2 – 1995- Goiânia - Go

A lei contra o pobre!

Revolta da Terra

De tanto explorada

A terra já não suporta

Ser pasto de boi...

Ecologia

A vida é difícil

Sem respeito à Natureza

Por que poluí-la?

Essa foi mais uma das formas de linguagem encontradas por Dom Fernando para apresentar o Evangelho, a Boa Notícia da saúde do corpo e da alma as pessoas.

Através do aggiornamento promovido pelo Vaticano II, surgiu uma nova concepção teológica da salvação. Deveria ocorrer a participação ativa da Igreja na história humana, isso com base no conceito de revelação que se desenvolvia. A revelação passou a ser fonte dinamizadora e esclarecedora dos acontecimentos mundiais. Ela começa a se construir neste mundo, não antes ou depois, mas dentro do mundo em que se vive. Dom Fernando fez desta sua primeira preocupação: saber como agir hoje para que, de fato, a Igreja seja para todos uma presença salvífica

Ele percebia que o que aproxima a igreja do mundo não é a busca de privilégios próprios ou de poder, mas o zelo apostólico. Ou seja, o desejo de ver no outro, o corpo e a alma saudáveis e felizes.

O aggiornamento na obra de Dom Fernando é todo um novo estilo de Igreja, o estilo do diálogo, da valorização e respeito pelo ser humano, para o bem da liberdade e da justiça, para o progresso e a paz. Seu ponto de partida estaria em Cristo. Tendo a Jesus Cristo como espelho, a Igreja deve procurar renovar-se, rejuvenescer, atualizar. Assim intentava conduzir Dom Fernando a população goiana, com os princípios de fé e caridade.

Segundo o Papa Paulo VI, “Ao Cristo vivo deve corresponder uma Igreja viva”. Assim é o aggiornamento, a apresentação de Cristo sob o tríplice aspecto de profeta, sacerdote e rei (simbolizando a palavra de Deus, a liturgia e o governo).

Através do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica buscou passar de uma Igreja Piramidal para uma Igreja-Povo, sempre necessitando de conversão e de reforma para se manter à serviço do Reino de Deus. D. Fernando teve esses ideais durante seu episcopado em Goiás. Ele tentou colocar em prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II, onde ele se posicionou firmemente, especialmente lembrando aos católicos que viver o Evangelho é vislumbrar dias melhores.

3.6- Considerações Finais: “...a doutrina consiste em dar testemunho!”

Conforme Sandra Pesavento (2005, p.59), o historiador, na busca de construir, ou reconstruir o passado, fundamenta-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos, assim como lugares e momentos. Estes elementos implicam na articulação de um sistema de idéias e imagens que explicam e buscam convencer o leitor.

Neste capítulo, vimos a transformação passada pelo arcebispo através de seus poemas, escritos antes e depois do Concílio Vaticano II. Ele mesmo se referiu ao acontecido como uma verdadeira conversão de sua vida, visto ser ele um homem das décadas de 20 e 30, onde os usos e costumes eram muito diferentes e rígidos.

Mas, por outro lado, Dom Fernando não demorou nada para se adaptar a estes novos hábitos. O que facilitou esta adaptação foi o fato dele acreditar sempre na juventude. Apostou que eram estes jovens que trariam para a sociedade a paz, a união e a harmonia necessária para uma vida digna. Foi o que vimos em vários momentos da história de sua atuação no cerrado goiano.

Conclusão

Ao concluir esta pesquisa notamos que muitos dados foram abandonados no meio do caminho, e até mesmo na reta final. Surgiram novos caminhos e desafios sobre o passado, para serem trabalhados e outros não houve tempo para maior análise. É difícil dar ao objeto múltiplos olhares, colocando-o em relação com o que está ao redor, como exige a História Cultural.

A opção pela poesia de Dom Fernando se deu pelas possibilidades que essa perspectiva historiográfica nos proporciona: de transformar qualquer vestígio do passado em fonte ou documento. Além de serem um testemunho, a opção se deu ainda pelo fato de ser uma das formas utilizadas pelo bispo para alcançar a missão de evangelizar.

No primeiro capítulo, vimos que os Conciliares se reuniram para discutir a unidade na Universalidade da Igreja. Isso foi estudado através de duas Constituições Dogmáticas, a *Lumen Gentium* – sobre as Igrejas - e a *Sacrosanctum Concilium* - sobre a Sagrada Liturgia – e como elas foram implementadas por Dom Fernando Gomes dos Santos. Não adentramos muito em outros aspectos, por entender serem estes temas de muita relevância, merecedores de novos estudos.

Passando ao segundo capítulo, encontramos *flashes* da vida de Dom Fernando, sobretudo em seus aspectos clericais. Para ser bem compreendido, ele

percorreu uma verdadeira “via sacra”, tentando defender sua autoridade e conseguir a meta de uma “Igreja de homens e para o bem dos homens”.

No terceiro e último capítulo, vimos a transformação ocorrida com o arcebispo através de seus poemas, escritos antes e depois do Concílio Vaticano II. Ele mesmo se referiu ao acontecimento como uma verdadeira conversão de sua vida. Sua formação tradicional foi realmente abalada, como vimos, deixando muitas das concepções em que fora formado nas décadas de 20 e 30 do século passado.

Muitas foram as dificuldades, para se chegar até aqui. Tivemos conhecimento de muitos documentos nas mãos de poucos, fazendo com que a memória de um povo fique refém de interesses pessoais. Era necessário maior espírito coletivo em prol de um povo construindo sua história através da pesquisa séria, e não de construções inventadas. D. Fernando demonstra nos registros que tivemos acesso essa preocupação.

Fontes:

Acervo de documentos de Dom Fernando Gomes dos Santos, encontrados no IPEHBC, SPAR e Cúria Metropolitana:

- Lumen Gentium – Constituição Dogmática Lumen Gentium – Caixa 7 Dom Fernando G. dos Santos – IPEHBC.
- Doc. “Consciência histórica de se” sobre as conclusões de Medellin – Conselho Episcopal Latino Americano.
- Fragmentos dos poemas - de Dom Fernando G. dos Santos – Revista da Arquidiocese Ano XXXVI – nº 2 – 1995 – Goiânia – Go – Edição especial “Dom Fernando Vive entre nós”.
- Doc. Avulsos de Dom Fernando - Cx 3 – Atitudes Face à Renovação IPEHBC.
- Atas dos governos em questão (1961-1965);
- Documentos avulsos de Dom Fernando -“A crise do Momento” cx. 07 (20-07-61 a 04-08-61) – IPEHBC.
- Doc. Pastoral vocacional –sem data precisa –(Caixa 2; Dom Fernando - década de 1960 –IPEHBC).
- Doc. Avulso – 1º Encontro Vocacional do Regional Centro-Oeste 3-7/5/1965 – Cx 3 –Dom Fernando – IPEHBC.

- Doc. Avulso – cx 1- Dom fernando – IPEHBC- referênte a Revista da Arquidiocese de Goiânia nº 8 – 1960.
- Doc. A Nova Capital do Brasil - Câmara dos Deputados – vol. III – Rio de Janeiro, 1956, p.3.
- Maria Magdalena Vieira Pinto - Doc. Nova Capital do País – 1960.
- Relatório do Plano Piloto de Brasília – Lucia Costa – DETUR –DF – Departamento de Turismo do Distrito Federal – Anexo do Palácio Buriti – 3º Pavimento – Brasília DF.
- Doc. Missa Campal – Brasília 21 de Abril de 1960, pag. 291.
- Relatório do Plano Piloto de Brasília – Lucia Costa – DETUR –DF – Departamento de Turismo do Distrito Federal – Anexo do Palácio Buriti – 3º Pavimento – Brasília DF.
- Artigo extraído do vertical nº 781,782 e 783 de março de 2005 – A opinião de Mia Couto – Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM (Os Sete Sapatos Sujos)
- Doc. 3 Como Interpretar as Manifestações Estudantis – p.2 – Situação Atual da Juventude. Cx 2 – IPEHBC.
- Doc.Avulso - Do 1º Encontro Vocacional do Regional Centro-oeste 3-7/5/65.
- Doc. Avulso (20-07-61 a 04-08-61) - A Crise do Momento – Cx 7 – Dom Fernando - IPEHBC.
- Pedidos de terceiros ao arcebispado de Dom Fernando (cartas, bilhetes, lembretes, convites, agradecimentos, relatos)
- Doc. Avulso (20-07-61 a 04-08-61) – Proclamação das Forças Armadas / Cx 7 – Dom Fernando – IPEHBC.
- Livro Tombo Catedral Metropolitana de Goiânia 1964
- Jornal Brasil Central (1961 a 1965)
- O popular (05/08/1982 - 02/07/1985)

- Rascunhos do livro de Dom Fernando “Sem violência e Sem Medo”;
- Planos de reuniões com as comunidades de base (planos pessoais ou a serem arremetidos a membros (líderes) das comunidades, para elaboração dos mesmos;
- Revistas da Arquidiocese de Goiânia (encadernações de 1961 a 1968).
- Revista Especial da ARQUIDIOCESE Ano XXXVI - Nº 2 – 1995 “Dom Fernando Vive entre Nós”. (Dez anos de falecimento)
- Discursos (avulsos) diversos das caixas (01 a 07) “Dom Fernando” no IPEHBC;
- Escritos sobre Reuniões do secretariado do governo e a Igreja.
- Doc. com encadernação caseira (sala especial IPEHBC, Brasília e outros): *A Construção de Brasília*. Adirson. Vasconcelos. 1º vol. 1992. (plantas e projetos da construção).
- Artigo “A Libertação dos Jegues e a questão identitária” – História Rivista – jan- jun 2007 p.8 e 9. Maria de Fátima Oliveira.

Referências Bibliográficas:

- BANDEIRA, Leda de Bitencourt. *Nós somos a Igreja do Vaticano II* — para Fins didáticos – Carmelita da Divina Providência. Edição caseira, 1966.
- BARROS, José D’Assunção. *Cinema – História (entre Expressões e Representações)*. - Rio de Janeiro, RJ - 2007.
- BEOZZO. Jose Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BOMBONATO. Vera I. e GONÇALVES. Paulo Sérgio L. *Concílio Vaticano II – Análise e prospectiva*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004.

BORGES. Lindsay. *A Revista da Arquidiocese de Goiânia (1957-1967) – Representações da Diferença e Construção da Unidade Religiosa*– Goiânia; Editora da UCG, 2008.

CORTE. Bletrina. *Vida Clamor e Esperança – Reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1992.

DUSSEL, Enrique. *500 anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

CLASEN. Jaime. *Para uma História da Igreja na América Latina – Marcos Teóricos (O debate Metodológico)*. Petropolis, RJ: Vozes, 1986.

DUARTE. Teresinha M. – *SE AS PAREDES DA CATEDRAL FALASSEM: a Arquidiocese de Goiânia e o Regime Militar 1968-1985*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás, 1996.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Ediotra Contexto, 2005.

KLOPPENBURG. Pe. Frei Boaventura OFM. *Concílio Vaticano II – vol. 3(terceira sessão- set.1964) e 4*. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 1964-1965.

LIMA. Luis Costa (org.). *A Literatura e o Leitor –Textos de estética da Recepção de Hans Robert Jauss*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1975.

LORCHEIDER. Aloísio – *Memória do Concílio Vaticano II – 40 anos depois – 1998*.

LUBAC. Henri. S.J. *Paradoxo e Mistério da Igreja*. São Paulo: Editora Herder, 1969.

LUSTOSA. Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil Republicano – São Paulo: Editora Paulinas, 1991*.

MARRA. Mendes A Teresinha. *As Relações da Igreja Católica com o Povo e com o Estado no Brasil:1945/1964*. Goiânia, Ediotra da UCG, Caderno de pesquisa Nº 11.

MACHADO. D. Adelmo. *Memória do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Ediotra Loyola 1998.

MAIER, Hans e RATZINGER, Joseph. *Democracia na Igreja – possibilidades- limites – perigos*. São Paulo: Ediotra Paulinas, 1976.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. São Paulo: Autêntica Editora, 2005.

SANTOS. D. Fernando Gomes dos. *Sem Violência e sem Medo*. Goiânia: Ediotra da UCG, 1982.

TEIXEIRA. Maria Dulce Loyola. *Mauro Borges: a crise econômico-militar de 1961 em Goiás. Brasília:Senado Federal, Centro Gráfico 1994.*

F866c Freitas, Lázara Alzira de.

O concílio Vaticano II sob o olhar do cerrado : o aggiornamento no episcopado de D. Fernando Gomes dos Santos / Lázara Alzira de Freitas. – 2008.

92 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais, 2008.

“Orientação: Prof. Dr. Eduardo G. de Quadros”.

1. Concílio Vaticano II – Igreja Católica – arquidiocese de Goiânia – história. 2. Fernando, Arcebispo de Goiânia, 1910-1985 – biografia – poesia. I. Título.

CDU: 282:262.12:262.5(091)(817.3)(043.3)

262.3

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)